



"TODOS TÊM CERTAS COISAS
NA CABEÇA E QUEREM ATUAR"

Lições do Patac:
uma ONG que se propõe a

**"TODOS TÊM CERTAS COISAS
NA CABEÇA
E QUEREM ATUAR"**

**Lições do Patac: uma ONG que se
propõe a melhorar as condições de vida
dos camponeses do Nordeste do Brasil.**

"TODOS TÊM CERTAS COISAS NA CABEÇA E QUEREM ATUAR"

- Lições do Patac: uma ONG que se propõe a melhorar as condições de vida dos camponeses do Nordeste do Brasil.

Dissertação de Mestrado em Sociologia - área: Sociologia rural

Autor: Antonio Carlos Pires de Mello

Orientador: Ivandro da Costa Sales

Revisão e Programação Visual: Paula Albuquerque

Digitação Eletrônica: Enio José

Campina Grande - PB, Brasil, 1995

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**"TODOS TÊM CERTAS COISAS
NA CABEÇA
E QUEREM ATUAR"**

Lições do Patac: uma ONG que se propõe a
melhorar as condições de vida dos camponeses do
Nordeste do Brasil.

ANTONIO CARLOS PIRES DE MELLO

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

JANEIRO DE 1995

ANTONIO CARLOS PIRES DE MELLO

**"TODOS TÊM CERTAS COISAS
NA CABEÇA
E QUEREM ATUAR"**

Lições do Patac: uma ONG que se propõe a melhorar as condições de vida dos camponeses do Nordeste do Brasil.

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, EM CUMPRIMENTO ÀS EXIGÊNCIAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE.

Área de Concentração: SOCIOLOGIA RURAL

IVANDRO DA COSTA SALES
Orientador

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

JANEIRO DE 1995

**"TODOS TÊM CERTAS COISAS
NA CABEÇA
E QUEREM ATUAR"**

Lições do Patac: uma ONG que se propõe a melhorar as condições de vida dos camponeses do Nordeste do Brasil.

ANTONIO CARLOS PIRES DE MELLO

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: _____

Componentes da Banca

IVANDRO DA COSTA SALES
Orientador

GHISLAINE DUQUÉ

MARIA CRISTINA DE MELO MARIN

SEVERINO JOSÉ DE LIMA

THIMOTY IRELAND

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

JANEIRO DE 1995

Aos camponeses
e à equipe do Patac,
particularmente ao meu amigo e meu irmão Urbano.

Agradecimentos

Ao meu amigo Marcus Vinícius,
que me ensinou a olhar adiante.

A "Gui", porque me estimulou
a prosseguir nos momentos difíceis.

A Ivandro, porque embarcou no meu sonho.

A Paula, que me ajudou na "hora h".

A todos os protagonistas das experiências,
pela franqueza dos depoimentos.

A todos os funcionários do Patac, em particular a
"equipe de campo": Carlos, Iracy e Marilene, pelo incentivo a
realizar um sonho de todos nós.

A Tânia, que vem me ajudando na busca da minha singularidade.

Esta monografia procura fazer um resgate crítico do trabalho educativo de uma Organização Não Governamental (ONG), denominada PATAc - Programa de Aplicação de Tecnologia Apropriada às Comunidades, segundo a visão do autor, dos técnicos do Patac e de intelectuais populares. Esta instituição se propõe a melhorar as condições de vida e de trabalho dos camponeses do Nordeste do Brasil, através da utilização de tecnologias "socialmente apropriadas". São analisadas duas das propostas metodológicas de sua atuação no Estado da Paraíba, junto aos camponeses das regiões do Curimataú e do Cariri, no período de 1986 a 1991.

Na primeira parte é relatada a experiência de assessoria a famílias de camponeses do município de Barra de Santa Rosa - PB. Nesta fase, o Patac realizava visitas às propriedades dos agricultores e através de conversas informais nas casas e/ou nos roçados identificava os problemas técnicos existentes. O que prevalecia na definição das prioridades e nas orientações oferecidas eram as propostas técnicas já trabalhadas pelo Patac. Os depoimentos dos agricultores e dos técnicos do Patac que participaram desta experiência fazem uma reflexão sobre a eficácia dessa proposta técnica, fornecendo pistas e indicando condições para um maior êxito no trabalho educativo.

Na segunda parte é resgatado o processo de intervenção educativa do Patac no Assentamento Rural da "Fazenda Paus Brancos". Nesta experiência o Patac adotou uma metodologia de trabalho com o objetivo de pesquisar, de forma participativa, potencialidades e limites do assentamento, assim como elaborar um plano de ação para a comunidade. São apresentados depoimentos de alguns protagonistas da experiência, que revelam diferentes interpretações acerca dos resultados obtidos com este trabalho.

Por fim, o autor comenta o processo de aprendizagem vivenciado na elaboração desta monografia e reflete acerca da contribuição dos técnicos na afirmação dos interesses dos camponeses.

This article is a critique of the educative work of a Nongovernmental Organization (NGO) called PATAC - Program of Applied Technology Appropriate in Communities. It is the vision of the author, technicians of PATAC and popular intellectuals.

This institution intends to better the living conditions of rural workers in the Northeast of Brazil through the use of technologies that are "socially appropriate". It is two analyses of methodological proposals of the action in the Paraíba, together with the workers in the regions of Curimataú and Cariri, during the period of 1986 to 1991.

The first part is related to the experience of assessing the rural families in the municipality of Barra de Santa Rosa - PB. In this phase, PATAC visited the farms and through informal conversations in homes and in the fields the existing technical problems were identified. What prevailed was a definition of priorities that offered direction using technical proposals already used by PATAC. The evidence of farmers and the technicians of PATAC that participated in this experience created a reflection about the efficiency of this technical proposal, supplying direction and indicating conditions for greater results in educative work.

The second part is about the process of PATAC's educative intervention in the rural farm called "Paus Brancos". This experience adopted a work method with an objective to research in a participatory form, the potential and limitations of the farm, so to prepare a plan of action for the community.

The evidence presented by some of the people have revealed different interpretations about the results obtained by this work.

To finish, the author comments on the process of the apprenticeship in elaboration of this article and reflects on the contribution of the technicians in affirmation of the interests of the farmers.

INTRODUÇÃO: Tentando Ser Transparente	13
O Projeto	17
A Pesquisa	19
Sobre o Patac	24
CAPÍTULO I - Assessoria a Famílias	26
Apresentando a experiência	26
Avaliando a experiência	31
1. Informação de Método	31
2. A Avaliação	32
O Aumento do Trabalho do Camponês	32
Organicidade / Democracia	35
Tecnologia não comprovada	37
O Patac e a vocação do Semi-Árido	38
O que explica a aplicação das técnicas	40
CAPÍTULO II - Difusão De "Tecnologias Apropriadas" em Assentamentos Rurais	48
Objetivo Geral do Patac	48
Apresentando a Experiência	50
Avaliando a Experiência	60
1. Informação de Método	60
2. A Avaliação	61
Experiência / Competência	61
Recursos Necessários para Viabilizar a Produção Familiar	65
O Culto ao Pequeno	67
Organização / Organicidade	72
Comunicação X Difusão de Tecnologia	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS ou "Por Enquanto..."	83
Processo de Aprendizagem	84
Difusão de "Tecnologias Apropriadas" ou de uma concepção de mundo	87
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXOS	

*...Só a gente tirando lições de tudo isso é que a gente recupera um pouquinho dos nossos esforços, quer dizer, deixa o passado valer para o atual, para o momento, porque aí se tem uma riqueza de dados para muitas entidades que caem nesses mesmos erros, sabe?... **TODOS TÊM CERTAS COISAS NA CABEÇA E QUEREM ATUAR.** Eu acho que a partir desse estudo a gente tem que evitar fazer novamente essas burradas.*

(Ir. Urbano)

Tentando Ser Transparente

Por falta de prática e por ter perdido muito tempo tentando me enquadrar na forma rígida do discurso acadêmico, tenho sempre a impressão de que nada sei escrever. Ultimamente, tenho sentido dificuldades até para deixar recados: fico sempre com a sensação de que a maneira como escrevi não está correta e que não vou ser compreendido. Acho que essa insegurança foi reforçada com o enorme gasto de energia que dispendi para escrever os trabalhos do mestrado. Em alguns casos, cheguei a demorar horas para construir um único parágrafo, depois de cortar e recortar as idéias de diversos autores e, no final das contas, escrever algo que nada tem a ver com o que penso.

Como expressar o que pensamos se não fazemos do nosso jeito? Acabamos perdendo a espontaneidade, enganando-nos ou tentando enganar quem escuta ou lê o que escrevemos. Com esses questionamentos não quero dizer que acho desnecessário conhecer outras experiências, mas se não consigo fazer uma ponte destes conhecimentos com o meu cotidiano, estas informações acabam perdendo o sentido para mim.

Inicialmente pensei que minha dissertação de mestrado deveria ter como enfoque principal fazer um resgate crítico do processo de intervenção educativa vivido pelo **Patac** -Programa de Aplicação de Tecnologia Apropriada às Comunidades, num assentamento rural denominado "Fazenda Paus Brancos".

Ao me adentrar na problemática desta experiência, senti a necessidade de resgatar outra, ocorrida anteriormente, e que de certa forma muito influenciou a de Paus Brancos. Contribuiu neste resgate da primeira experiência do Patac ("Assessoria a Famílias") a existência da dissertação de mestrado de Eduardo Jordão de Araújo, que fez um estudo de caso sobre a difusão de tecnologias

apropriadas para camponeses do Sítio Santa Rosa, uma das três comunidades acompanhadas pelo Patac naquela época .

Sempre me perseguiu também o desejo de fazer deste trabalho algo que tivesse utilidade para outras pessoas que se preocupam com problemáticas semelhantes.

Apesar das minhas inseguranças e dúvidas sobre minhas reais capacidades para alcançar o que pretendia, sentia-me motivado com a possibilidade de contribuir com o "Projeto Patac", que na minha opinião não se limita a reforçar o "PROJETO CAMPONÊS", mas se propõe a contribuir com qualquer pessoa ou grupo que deseja conquistar o direito de ser feliz, com suas particularidades, e que por isso se confronta com a racionalidade do sistema capitalista, que tenta destruir todas as lógicas que se diferenciem da sua.

Diante da necessidade de descobrir um processo educativo de troca de conhecimentos que de fato atenda aos interesses dos camponeses, penso que será útil recorrer à própria trajetória desta Organização Não Governamental (ONG), que vem experimentando ao longo dos seus vinte e cinco anos de existência, distintas maneiras de difusão das chamadas "Tecnologias Socialmente Apropriadas". Para tanto pretendo refletir sobre os ensinamentos adquiridos em duas experiências vividas por essa instituição . Não tenho a intenção de construir modelos de difusão que possam ser copiados por outros, mas resgatar o que vem forjando a identidade do Projeto Patac.

Após oito anos de intenso envolvimento como técnico-educador dessa entidade, quantas coisas que foram vivenciadas precisam ser melhor refletidas! Qual o impacto destas experiências em mim, no Patac e nas comunidades ? Em alguns momentos tenho a sensação que nada ficou. Às vezes também tenho a impressão de que nos sentimos incomodados ao relembrar algumas experiências vividas que revelam nosso despreparo e/ou frustrações. Será que os erros não têm algo a nos ensinar ?

Ao dialogar com essas duas experiências do Patac, gostaria de me libertar daquelas sensações de fracasso que nos paralisam , impedindo-nos de ver os ricos processos vivenciados e a partir daí, aperfeiçoar nossa prática educativa.

*

Tenho trinta e cinco anos e sou o segundo de uma família de quatro filhos. Meu pai era funcionário público e minha mãe, apesar de ter feito o curso de graduação em Administração de Empresas, nunca exerceu sua profissão. Nasci no antigo Estado da Guanabara, onde vivi de 1959 a 1975. Aos dezesseis anos de idade, minha família e eu mudamos para Recife - PE , onde em 1986 concluí o curso de graduação em Agronomia. Neste mesmo ano, ingressei no Patac para ser o responsável pela difusão e co-responsável por alguns experimentos na área agrícola. Após quatro anos de envolvimento com esse trabalho, senti a necessidade de pensar mais profundamente sobre os problemas que havia detectado no processo sócio-educativo da instituição. Com essa intenção ingressei, em fevereiro de 1990 no curso de Mestrado em Sociologia Rural da Universidade Federal da Paraíba (Campina Grande).

Não tinha o objetivo de ser professor universitário nem tampouco um pesquisador acadêmico. O que de fato me motivou nesta aproximação com o Mestrado foi o desejo de encontrar tempo disponível e parceiros com os quais eu pudesse dialogar sobre minhas experiências como técnico-educador.

Durante o curso li diversos livros de sociologia e dissertações de mestrado que tratavam de temáticas próximas à minha área de interesse. Apesar de estar me enriquecendo com estes conteúdos, não me sentia identificado com o estilo dos autores nem com o enfoque estritamente sociológico dos textos.

Elaborei diversos trabalhos para conclusão das disciplinas do curso, na tentativa de fazer uma ligação do que havia aprendido, com o meu futuro projeto de dissertação. Dessa forma pretendia me aproximar pouco a pouco de minha

temática e simultaneamente imprimir o meu estilo pessoal . Os trabalhos realizados foram:

"O Assentamento Rural Fazenda Paus Brancos: notas preliminares". Neste trabalho meu propósito foi vincular o processo de implantação deste assentamento rural ao processo de intervenção educativa do Patac, via uso de tecnologia alternativa em nível de produção agrícola.

"O Assentamento da Fazenda Paus Brancos: uma experiência de reforma agrária no Cariri da Paraíba". Refleti sobre a experiência de reforma agrária no período da Nova República, especialmente no Estado da Paraíba.

"A Ação do Patac: uma leitura do Patac à luz dos Clássicos da Sociologia Rural ". Meu intuito nesse trabalho foi iniciar uma reflexão sobre os limites e potencialidades da filosofia que move a prática da instituição.

Pré-Projeto de Dissertação: " Assentamento da Fazenda Paus Brancos : Possibilidades para Conquista de Autonomia."

Ao concluir os créditos do curso de mestrado tive a sensação de que continuava buscando o meu objeto de pesquisa. Estava atento ao que se processava dentro de mim e às contribuições que pudessem surgir.

Um certo dia, após me acordar e fazer os meus exercícios matinais de bioenergética, descobri que não estava confuso quanto à temática que gostaria de abordar na minha dissertação de mestrado. O que eu estava precisando mesmo era "tomar coragem" e assumir o que desejava. Nesta mesma semana, a coordenadora do curso (Ghislaine Duqué) me falou da recente contratação de um professor que talvez pudesse me ajudar, pelo fato de ter um contato próximo com o universo das ONGs : Ivandro da Costa Sales.

Durante a primeira conversa que tivemos, coloquei para Ivandro minhas intenções e dificuldades para escrever a dissertação. Além disso, mostrei algumas fotografias que havia tirado na comunidade da Fazenda Paus Brancos. Ao

nos despedirmos, combinamos que para melhor detectar a temática da pesquisa e definir meu estilo pessoal de redação, escreveria cartas informais para ele. Escrevi três cartas.

Na primeira, coloquei minhas dificuldades para escrever os trabalhos acadêmicos; o que gostaria de fazer na minha dissertação de mestrado e como me sentia no Patac. Na segunda, descrevi minha trajetória de vida e alguns dos meus sonhos pessoais (para ilustrar essa descrição mostrei para Ivandro meu álbum de fotografias de família). Na terceira e última carta, já coloquei com maior segurança o objetivo da minha dissertação e como pretendia alcançá-lo.

A partir deste momento, fiz um resgate de três metodologias de trabalho adotadas pelo Patac : *Assessoria a Famílias, Difusão de "Tecnologias Apropriadas" em Assentamentos Rurais e Atuação em Parceria*. Optei por apresentar neste trabalho apenas as duas primeiras metodologias citadas, pois a última corresponde ao momento atual do Patac e ainda precisa de um certo tempo para ser analisada.

O Projeto

Para iniciar a pesquisa recorri aos cadernos de campo dos técnicos do Patac e consultei os relatórios internos dessa entidade, desde 1986 até os dias atuais.

Conforme as exigências do mestrado, apresentei meu projeto de dissertação para uma banca de quatro professores do curso. Após distribuir o material para a leitura, fiquei na maior expectativa quanto à reação da banca. Na apresentação do Projeto me surpreendi com o estímulo e contribuições recebidas. Cito as que mais me influenciaram:

"Seu trabalho será super importante, mesmo que não tenha uma avaliação final, mas uma descrição crítica e discutida do que tem sido a experiência do Patac".

" Se você analisa bem os procedimentos é uma contribuição incrível para todos nós, para você e para todo o Patac".

" Não é preciso abandonar seu estilo de pensar e escrever. Use ele também com os autores da academia".

" Quando você faz, você se coloca, você produz e você inova no sentido de trazer alguma novidade, não apenas para a academia, mas para aquelas pessoas que estão preocupadas em estudar esse tipo de grupo e discutir esse determinado tipo de questão".

" Não se consegue ver as experiências tal como elas são porque se tem um modelo de como elas deveriam ter sido e não foram. O processo já é, não é preciso voltar a perguntar nada". (Maria Cristina de Melo Marin)

"Você deve escrever e reescrever até você chegar a algo de que você gosta muito..."

"Todo mundo que faz uma tese deve colocar o seu estilo pessoal, deve fazer algo muito pessoal e comunicativo, algo pensando em amigos".

"Dialogue com os autores clássicos, com os agricultores e com os funcionários do Patac. Nenhum deles deve ser fonte de informação para o que você está dizendo, *todos são intelectuais que se pronunciam sobre a experiência.*"

" Sempre que se diz estar avaliando a difusão e a tecnologia é bem mais que a difusão e a tecnologia: *são modos de vida, de pensar, de sentir e de agir.* A gente pensa sempre que está passando conhecimentos. Tanto é, que fala às vezes de *propostas técnicas.* Não é proposta técnica: é proposta educativa mesmo, ideológica. Não se está passando uma proposta técnica, se confrontam concepções de mundo ". (Ivandro da Costa Sales)

Durante todo o processo de elaboração deste trabalho contei com o apoio da coordenadora do mestrado, Ghislaine Duqué, que sempre me incentivou a fazer a dissertação no meu estilo pessoal, sem perder o rigor no conteúdo.

A Pesquisa

Realizei diversas entrevistas com camponeses e funcionários do Patac. A partir daí, confrontei minhas posições com as opiniões de outros intelectuais (populares e acadêmicos).

Durante todo o processo de elaboração da minha dissertação de mestrado sempre me angustiou o fato de não conseguir conversar com os autores da academia com a mesma familiaridade que sentia com os camponeses e com os meus colegas de trabalho (funcionários do Patac). Mesmo com toda dificuldade consegui dialogar com Nietzsche, Alexander V. Chayanov, Guimarães Duque, Antonio Gramsci, Miguel A. Altieri, Beatriz Costa e principalmente com Ivandro da Costa Sales.

Compreendo que teria ajudado bastante no aprofundamento do meu objeto de estudo trabalhar conceitos e me apropriar mais dos conhecimentos dos autores da academia. No entanto, não vejo isso apenas como um limite, mas como desafio para futuros aprofundamentos. Vale a pena registrar que elaborei diversas resenhas e trabalhos finais de disciplinas e participei de debates com colegas do curso de mestrado, quando tentei conhecer com maior profundidade crítica os conhecimentos desses autores.

O que me aliviou e me incentivou a prosseguir nesta monografia foram os elogios ao meu estilo pessoal de redação (que recebi durante a apresentação do projeto), assim como a riqueza de conhecimentos que estava adquirindo ao dar a palavra aos autores acadêmicos e populares.

Na medida que fui dando uma forma¹ à dissertação, descobri que estava vivenciando um rico momento de crescimento pessoal ao gerar novos conhecimentos. Mais do que isto, estava fazendo desse trabalho uma prática de recriação da minha própria maneira de ser e ver o mundo. No confronto de diversas avaliações, onde técnicos, camponeses e intelectuais acadêmicos explicitam suas verdades, geram-se novas pessoas.

Experienciei também que ao dar a palavra a cada um dos meus entrevistados me enriqueci de conhecimentos, pois passei a perceber a vida por outros ângulos. Neste momento, gostaria de citar uma interpretação de Roberto Machado sobre o pensamento de Nietzsche², quando este faz uma crítica à universalidade e à objetividade do conhecimento.

"Conhecer não é explicar, é interpretar. Mas é uma ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo seja legítima. Não há interpretação justa, não há um único sentido. A vida implica uma infinidade de interpretações, todas elas realizadas de uma perspectiva particular. Posição que tem a vantagem de reconhecer que

**hoje estamos longe da imodéstia de decretar a partir de
nosso ângulo que só são válidas as perspectivas a partir desse ângulo.**

O que também implica a coragem de assumir que não há verdade universal e que não tem sentido procurar estar de acordo com a maioria :

**meu juízo é meu juízo e não admito que um outro a ele
tenha direito.**

Se não existe uma única interpretação, se o conhecimento é perspectivo e as perspectivas são inúmeras, é porque para Nietzsche o conhecimento não tem por objetivo atingir uma verdade, não tem nenhuma afinidade com o mundo. O motivo é que simplesmente não há nada a ser interpretado; não há nada a ser conhecido.

¹ Nesta etapa contei com o apoio de Paula Albuquerque, comunicóloga do Patac, que contribuiu na discussão, na revisão e edição deste trabalho.

² R. MACHADO. Nietzsche e a Verdade, p. 107 - 108.

Contra o positivismo, que permanece ao nível do fenômeno, 'só existem fatos', eu objetaria : não, justamente não existem fatos, mas apenas interpretações.

Mesmo as leis da natureza são interpretações a que não corresponde nenhuma realidade. E se o conhecimento não tem objetividade não é por uma falta, por uma deficiência. É que o seu objetivo não é procurar o sentido das coisas, mas introduzir, impor um sentido. Somos nós que damos valor ao mundo. **Os pensamentos são ações.** Interpretar é se tornar mestre de alguma coisa: dar forma, estruturar, dominar.

(...) Só há visão perspectiva, só há 'conhecimento' perspectivo; e quanto mais deixamos os sentimentos entrarem em consideração a respeito de uma coisa, quanto mais sabemos incorporar novos olhos, olhos diferentes para essa coisa, mais nosso 'conceito' desta coisa, nossa 'objetividade' será completa".

Acredito que minha passagem pelo mestrado de Sociologia Rural me ajudou muito a costurar várias experiências que pareciam soltas e apagadas, assim como vivenciar outra, que foi o próprio processo de construção da minha monografia. Esta última, um novo retalho, bem colorido, da minha vida. Um momento privilegiado, não menos rico ou conflituoso que os demais, onde tirei lições sobre o modo de estudar, assim como aprimorei a assessoria aos camponeses.

Confesso que não consegui, nem mesmo pretendi fazer uma avaliação sistemática e exaustiva da dimensão educativa da prática do Patac. O que fiz foram considerações a respeito de alguns aspectos, como:

ORGANIZAÇÃO

Por organização entendo um instrumento que se constitui a partir de um interesse comum e que tem por objetivo aumentar o poder dos integrantes de um grupo social, o que se concretiza efetivamente através da participação destes na definição de como alcançar o interesse identificado.

ORGANICIDADE

Organicidade é uma atitude de consulta permanente para identificar e organizar interesses individuais e/ou coletivos. Para ser orgânico é necessário envolvimento, uma regular análise de conjuntura e, além disso, uma exposição clara da própria percepção acerca do que "está para nascer".

COMUNICAÇÃO

É um diálogo entre duas ou mais pessoas, que proporciona um processo de troca de saberes e ignorâncias, que aperfeiçoa conhecimentos e/ou constrói novos saberes.

DIFUSÃO DE TECNOLOGIA

É a transferência de informações e visões de mundo. No texto, chamaria a atenção para o fato de que, se não se vivência a participação e a organicidade, corre-se o risco de que a difusão seja a transferência de uma visão de mundo presumidamente superior.

DEMOCRACIA/PARTICIPAÇÃO

Está entendido no texto como o poder que têm os agricultores de definir tudo o que lhes diz respeito.

VOCAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO

O que a região tem provado ser, considerando-se a cultura, o clima, o solo, a flora e as forças de mercado.

COMPETÊNCIA

A capacidade de levar em consideração a vocação do Semi-Árido, a cultura camponesa, a especificidade da produção familiar, o conhecimento das tecnologias, a teoria e metodologia da educação popular, as leis de mercado e a conjuntura política, econômica e cultural do país.

CREDIBILIDADE

Prestígio de pessoas ou instituições advindo da sua maior ou menor competência técnica e do seu maior ou menor compromisso político.

No primeiro capítulo desta monografia conto a experiência de assessoria do Patac à sete famílias de camponeses que moram nos sítios Daris, Cândido e Santa Rosa, localizados no município de Barra de Santa Rosa - PB. Para apresentar a maneira como os técnicos do Patac se relacionavam com os camponeses, faço uma *narrativa* a partir das impressões que registrei no meu caderno de campo, durante o primeiro contato que tive com os agricultores. Posteriormente, *dou a palavra aos agentes da experiência*: dois camponeses e dois funcionários do Patac. Sintetizo e comento suas análises e tento fazer um texto único, costurando suas posições e destacando momentos relevantes do processo técnico/educativo vivenciado. Na fase de pesquisa, para iniciar a conversa com os protagonistas da experiência - o que durou várias horas - mostrei as minhas impressões para que eles lessem e opinassem.

Gravei e transcrevi todas as conversas. Os dois camponeses foram entrevistados conjuntamente na sede da Associação do Assentamento da Fazenda Quandu³, para onde se mudaram recentemente. Um ex-funcionário do Patac foi entrevistado na sua residência, localizada no município de Soledade - PB e com o segundo funcionário, conversei na sede do Patac, em Campina Grande.

No segundo capítulo, faço um histórico do processo de luta de um grupo de camponeses para a conquista e ocupação das terras que hoje fazem parte do Assentamento Rural da Fazenda Paus Brancos⁴. Procuro descrever criticamente o processo educativo de difusão das "tecnologias apropriadas" que foi vivenciado pelo Patac nesta comunidade, recorrendo ao estilo utilizado no primeiro capítulo. Apresento também minhas opiniões acerca desta experiência, assim como

³Área de 1408 ha, localizada no município de Barra de Santa Rosa, onde foram assentadas 47 famílias.

⁴Área de 1280 ha, situada em Campina Grande, a 45 km da sede deste município, onde estão assentadas 72 famílias.

de três funcionários do Patac e três camponeses de Paus Brancos. Gravei e transcrevi as entrevistas⁵ e a partir daí editei e organizei os diversos depoimentos.

Como último anexo, deixo um encarte com as contribuições feitas pela banca examinadora da dissertação e pelos convidados.

*

Sobre o Patac

O PATAc - Programa de Aplicação de Tecnologia Apropriada às Comunidades surgiu em 1970, em Campina Grande, com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida da população carente, através da pesquisa, adaptação e difusão de tecnologia apropriada. Esteve ligado a Congregação Redentorista Nordestina (CRN) desde a sua origem, tendo como idealizador e coordenador um de seus membros, o Irmão Urbano (Theodorus Augustinus Doderliin de Win).

Atuou durante os 10 primeiros anos na área de habitação, adaptando técnicas (solo-cimento), construindo máquinas de fabricação de blocos de cimento e criando mecanismos para que a população dos bairros da periferia de Campina Grande pudesse fazer tijolos para construir suas próprias casas.

Em 1974, foram feitas 60 máquinas a pedido da OXFAM⁶ que naquele momento financiava, no Nordeste, a reconstrução das casas destruídas pelas enchentes. A nossa equipe instalou essas máquinas e ensinou as pessoas a trabalharem com elas. Nos anos seguintes, foram dados acompanhamentos no Norte e Nordeste.

Em 1979, a partir de uma análise sobre a situação política, econômica e social do Nordeste, conjugada com a elevação do preço da matéria-prima básica dos tijolos (cimento), o PATAc optou por trabalhar na área rural, mais especificamente com a pequena produção, por considerar que atingia, até então, as consequências e não as causas dos problemas do Nordeste.

As linhas de ação foram redirecionadas para desenvolver e difundir técnicas que recuperassem os solos esgotados, combatessem a erosão e ajudassem a convivência com a seca. Inicialmente o trabalho atingia famílias em três áreas distintas da Paraíba, a saber: o Cariri, o Curimataú e o Seridó. Posteriormente, avaliando o reduzido impacto das ações, decidiu-se trabalhar com assentamentos rurais, próximos de Campina Grande, tendo como base a elaboração de um diagnóstico e um plano de ação, com a participação dos agricultores.

No final de 1990, questionou-se novamente a eficiência do trabalho, visto que os esforços despendidos pela equipe não resultaram no impacto esperado. Neste período, o movimento sindical começava a mudar suas estratégias, direcionando as suas ações para a pequena produção: surgiam demandas do Pólo Sindical do Agreste da Borborema e do Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais, ambos ligados à CUT - Central Única dos Trabalhadores. Hoje a atuação do PATAc tem extrapolado a área de atuação do Pólo Sindical, embora esta ainda seja a prioritária.

⁵ Na escolha dos entrevistados das duas experiências não tive preocupação com representatividade estatística. Escolhi os camponeses e os técnicos do Patac pela importância política e intelectual de cada um deles na comunidade e na instituição. Na minha escolha dei preferência aos bons narradores.

⁶ A OXFAM é uma agência de cooperação da Grã-Bretanha, fundada em 1942, com sede na cidade de Oxford. Apoia projetos de desenvolvimentos e emergência em 80 países do "Sul" (África, Ásia, América-Latina e Oriente Médio).

Em 1991, a CRN decidiu não mais ter o PATAc com um dos seus serviços e estimulou a discussão sobre a continuidade ou não do trabalho. A equipe do PATAc e a Congregação, além de pessoas de outras ONG's realizaram seminários a fim de amadurecer esta decisão. O resultado final foi a criação da Associação PATAc (Associação Programa de Aplicação de Tecnologia Apropriada às Comunidades) em 29 de Abril de 1992, por 2 sócios beneméritos e 11 sócios efetivos (4 não membros da equipe do PATAc, sendo 1 trabalhador rural, 1 professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, 1 sociólogo e 1 comunicólogo). Hoje, o quadro de sócios conta com mais 4 membros, totalizando 17 sócios.

Atualmente, o Patac trabalha em parceria com 26 organizações, entre Paróquias, Sindicatos, oposições sindicais, Associações e Ong's. Esta ação atinge aproximadamente 1.500 famílias, distribuídas em 115 comunidades, localizadas em mais de 20 municípios do Estado da Paraíba. Este trabalho vem se dando basicamente pela orientação técnica na área de agricultura, apicultura, saúde alternativa, construção de depósitos d'água e pela organização de bancos de sementes, aplicando princípios e práticas agroecológicas. Nosso objetivo geral é melhorar as condições de vida e de trabalho dos pequenos produtores rurais, sobretudo na região do semi-árido paraibano.

Campina Grande - PB, agosto de 1994

Marilene Nascimento Melo
COORD. GERAL DO PATAc

Assessoria a Famílias

Apresentando a experiência

Primeiro semestre de 1986. Ingressei no Patac com a tarefa de repassar, para uma equipe de sete pessoas, conhecimentos básicos sobre agricultura. Após seis meses de encontros quinzenais, com a participação de toda a equipe técnica, fui de fato contratado pelo Patac, com a função de pesquisar e difundir "tecnologias apropriadas aos pequenos produtores rurais".

Confesso que a primeira etapa foi mais fácil do que a segunda, pois dispunha de tempo suficiente para me preparar e repetir as informações que havia recebido no curso de agronomia. De certa forma, foi até divertido, pois recorri a uma série de recursos pedagógicos para facilitar o entendimento e dinamizar os encontros: caminhamos por uma mata para estudar a morfologia das plantas, abrimos trincheiras para estudar o solo, utilizamos anilina para demonstrar o movimento da água dentro das plantas etc. Neste período, chamavam-me de "professor" e ganhei credibilidade, o que facilitou meu ingresso definitivo na equipe do Patac.

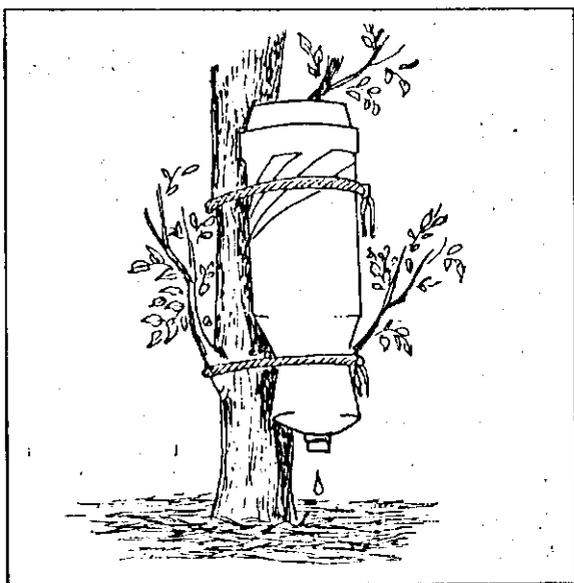
Por intermédio do coordenador da equipe, conheci seis famílias que moravam em três sítios - Santa Rosa, Cândido e Daris -, localizados no município de Barra de Santa Rosa - PB. O município de Barra de Santa Rosa está localizado na região do Curimataú paraibano, cuja média anual de temperatura é de 24°C, com uma pluviosidade média anual de 400 mm. A população da região é de 182.870 habitantes, com uma densidade demográfica de 38,43 hab/km²⁷. Esta região apresenta uma estrutura fundiária que demonstra uma grande concentração da propriedade da terra⁸. Sua principal atividade econômica é a pecuária extensiva, sendo a agricultura uma atividade complementar, destacando-se como lavouras permanentes o agave e a palma forrageira, e como temporárias o feijão e o milho⁹. As famílias dos sítios Cândido, Santa Rosa e Daris vinham sendo acompanhadas pelo Patac desde 1979 e haviam adotado algumas "tecnologias apropriadas". Para retratar melhor a experiência vivida nesse período, vou resgatar minhas primeiras impressões sobre o trabalho dessa instituição. Essas impressões foram registradas no meu caderno de campo.

⁷ José, GRABOIS. O Curimataú na Borborema Paraibana, p.1-4-20.

⁸ FIBGE. Censo Agropecuário - Paraíba - 1983. p.184.

⁹ Ibidem, p. 394.

A primeira família que conheci através do coordenador do Patac, foi a de Juvenal Inácio, que mora no Sítio Daris. Logo que chegamos fomos convidados para tomar um cafezinho. Tivemos que nos abaixar um pouco para passarmos pela porta. Na sala, havia uma janela feita com tábuas, um banco de madeira, três tamboretas, uma mesinha encostada na parede com uma santa em cima e muitos quadros de diversos tamanhos, colocados numa única parede, onde observamos retratos de pessoas e gravuras de santos da Igreja Católica. Tomamos o café e conversamos um pouco sobre vários assuntos relacionados com o cotidiano desta família. Nesta primeira conversa ficou em evidência o cuidado que a mulher de Juvenal tinha com as fruteiras situadas ao redor da casa. A partir desta constatação foi orientado que ela utilizasse o seguinte método para ajudar as fruteiras a sobreviverem durante a estiagem:



"Corte o fundo de uma garrafa de plástico com tampa. A tampa tem que ter um furinho. Amarre a garrafa no pé da fruteira, emborcada a pouca distância do chão. Encha a garrafa de água e deixe pingando. Quando esvaziar, encha novamente. Se tiver uma cobertura morta ao redor da fruteira, melhor ainda, pois a umidade vai ficar bem guardada".¹⁰

¹⁰PATAC, Almanaque do Pequeno Produtor, 1989.

Fomos dar uma volta pelo roçado e constatamos que Juvenal tinha muito pouca terra, cerca de 0,5 ha. Quando indaguei sobre sua produção de milho, feijão e fava, ficamos sabendo que a terra era insuficiente para suprir esta família das suas necessidades básicas e que a sua sobrevivência era obtida com a venda de holo na cidade de Barra de Santa Rosa. Na parte mais baixa do terreno, beirando a cerca, havia um barreiro cavado na pedra. O Patac contribuiu para a confecção desse depósito de água com ferramentas e dinamitando a rocha, para facilitar a cavação. Quando caminhávamos de volta nos deparamos, ao passar pelo terreiro, com um porquinho "pé duro"¹¹ que fuçava o chão. Perguntamos a Juvenal sobre a idade desse animal. Quando o técnico do Patac escutou que ele tinha um ano e pouco, sacudiu a cabeça e comentou que não havia vantagem em criar um animal que se desenvolvesse tão pouco após tanto tempo. Foi sugerido que ele criasse porcos mestiços, como os que possuíamos na sede do Patac, que alcançavam em seis meses mais de 60 kg.

Neste mesmo dia, visitamos também outra pequena propriedade, localizada no Sítio Cândido, que pertencia a um agricultor chamado José de Júlio. Antes dessa visita eu já havia sido informado que José era um agricultor modelo, pois além de possuir uma sólida "consciência política", havia incorporado uma série de "tecnologias apropriadas".

Ao caminhar pelo seu roçado notamos que ele possuía uma área bem maior do que a de Juvenal (cerca de 9

¹¹Porco "Pé Duro" : Porco Nativo.

ha). Fiquei impressionado com o grande número de "tecnologias apropriadas" que tinham sido incorporadas naquela propriedade. Foram feitas cinco faixas com muretas de pedra (cerca de 0,5 km), em curva de nível, para conter a erosão do terreno; uma faixa de retenção com agave, no ponto mais alto do terreno; um plantio de milho com espaçamento reduzido; além de composto orgânico e uma grande área com cobertura morta. José parecia bastante satisfeito com os resultados. Fiquei empolgado, aquela deveria ser uma propriedade modelo! Logo me interessei em conhecer mais profundamente o funcionamento daquela unidade produtiva. Na saída, ao nos despedirmos, coloquei para José meu interesse em passar alguns dias na sua casa para conhecer melhor as suas experiências.

Ele concordou e depois de uma semana, voltei e me hospedei na sua casa durante cinco dias.

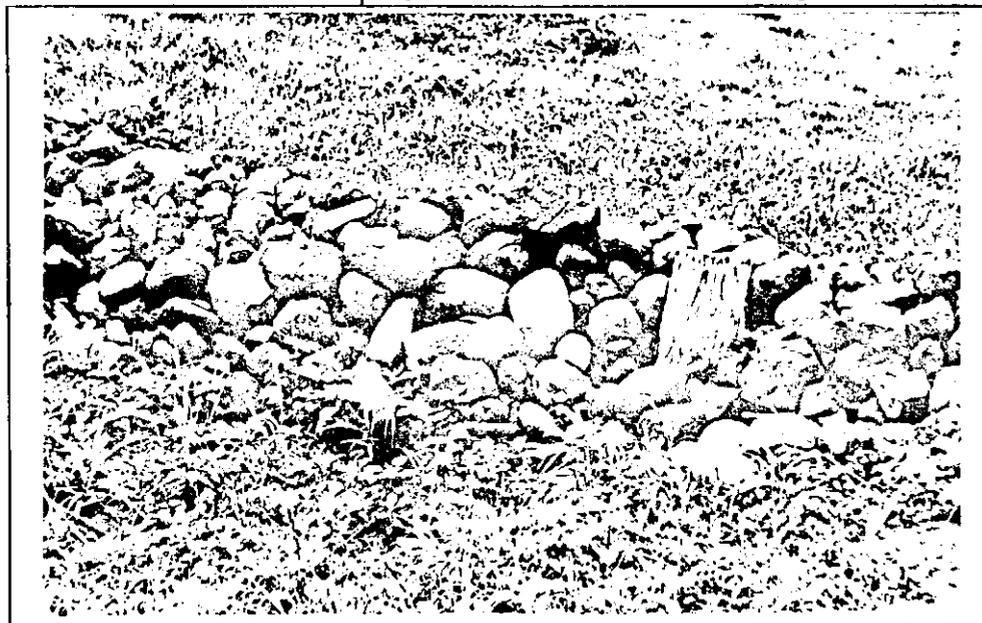
Durante os dias que passei com a família de José pude constatar que minhas primeiras impressões não estavam corretas. Fiquei

sabendo que antes de serem feitas as muretas de pedra, foram cavadas valetas em curva de nível. Mas, como algumas delas romperam-se com a força da água, foram construídas as muretas, que resolveram o problema da erosão. O Patac contribuiu com as orientações técnicas, comprou uma carroça para facilitar o transporte das pedras

e em alguns momentos reforçou o trabalho com a utilização da mão-de-obra dos seus funcionários, sendo que o início do processo de construção das muretas foi realizado em mutirão, com a participação de aproximadamente 30 agricultores.

Vale a pena registrar uma afirmação, repetida inúmeras vezes pelos educadores e técnicos do Patac nesta época: "você vão andando para a melhoria de vocês, no momento que vocês encontrarem uma pedra no caminho, o Patac vai e tira" (Irmão Urbano).

Conheci também a experiência de José na confecção de um composto. Ele utilizou rama de jerimum, capim, bagaço de agave e palha de feijão. Levou cerca de dois anos para a conclusão do processo de



EXEMPLO DA MURETA DE PEDRA CONSTRUÍDA POR JOSÉ DE JÚLIO NA PROPRIEDADE.

compostagem e ao utilizar o composto, na proporção de uma pá para três covas, as sementes de milho não germinaram. Segundo a avaliação dos agricultores, as chuvas não foram suficientes para umedecer o composto, pois não ocorreram problemas onde esse não foi utilizado. Foi orientado pelo técnico do Patac que na próxima vez,

antes de utilizar o composto, ele deveria ser revirado e umedecido.

Constatei também que os demais membros da família de José não expressavam o mesmo entusiasmo dele quanto às vantagens da construção de muretas de pedra, pois consideravam que o trabalho foi muito pesado.

Esta família criava: sete ovelhas, um jumento, um boi de trabalho e um porco. O inverno daquele ano tinha sido bastante irregular e todos estavam muito preocupados, pois a produção havia sido pouca. A situação piorou quando o jumento tentou pular a cerca e se cortou no arame. O ferimento infeccionou e apesar do tratamento feito com plantas medicinais da região, não sarava. Acompanhei José até a cidade de Barra de Santa Rosa, onde conseguimos comprar "fiado" um medicamento que curou o animal.

A família era composta por dez pessoas: José, sua esposa, duas filhas e seis filhos. As filhas eram pequenas e ajudavam a mãe nos serviços domésticos. Genário, 16, era o filho mais moço e sonhava ir para o Rio de Janeiro, morar com o irmão que trabalhava como cozinheiro de um restaurante. Todos na família sentiam-se orgulhosos ao mostrar a fotografia desse rapaz, que parecia estar se dando bem na cidade grande. João, o filho mais velho, era casado e tinha um filho, morava numa pequena casa construída na propriedade do pai e costumava ir todos os anos para a Zona da Mata, procurar emprego na colheita da cana-de-açúcar. Naquele ano estava bastante decepcionado, pois havia voltado sem nada

conseguir. Fausto, o segundo filho, morava na propriedade do sogro, onde havia conseguido um roçado. Não conheci os outros dois filhos de José, apenas fiquei sabendo que eles moravam em Campina Grande-PB.

Como estávamos no período seco, não havia muito o que fazer na propriedade e todos pareciam ter muito tempo para conversar. Numa dessas conversas, José me contou seu desejo de fazer um grande cercado ao redor da casa para criar galinhas e plantar palma. O Patac nunca investiu no seu sonho, pois naquela época estava trabalhando com pesquisa e difusão da apicultura. José passou a criar abelhas, lucrou bastante mel, mas acabou vendendo quase toda a produção, porque não tinha o hábito de consumir mel como alimento, a não ser em pequenas quantidades, como remédio.

A passagem dos técnicos nas casas de José de Júlio e Juvenal é um bom exemplo da metodologia de **difusão** adotada pelo Patac naquela época, que consistia basicamente em visitar as pequenas propriedades rurais e através de conversas informais nas casas e/ou nos roçados, identificar os problemas técnicos existentes. **O que prevalecia na definição das prioridades e nas orientações oferecidas eram as propostas técnicas já trabalhadas pelo Patac.** Tentava-se convencer os agricultores a implantarem pequenos experimentos demonstrativos. Esporadicamente os agricultores eram convidados a conhecer as inovações tecnológicas desenvolvidas na sede do Patac.

"Eu acho que é positivo porque eles dava uma iniciativa, eles colaborava com idéias e depois conheciam a realidade, né? Visitando cada coisa: criação, agricultura e falta de depósitos de água e era depois daí que tomava conhecimento com as famílias, é que surgia a idéia de melhorar tanto a questão da criação, perfuração de cisternas, pequenos barreiros e o melhoramento da questão da terra, para ter uma produção melhor. Eu acho isso muito positivo, que partia de um conhecimento de fato vivido, vocês primeiro visitava, conhecia a casa para poder orientar". (Dedé)¹²

¹² José Santos Silva, um dos agricultores entrevistados na fase da pesquisa.

Avaliando a Experiência

1. Informação de Método

Como coloquei na apresentação da experiência, fui convidado pelo Patac para repassar conhecimentos técnicos que tinha aprendido na Universidade. Como tive um bom desempenho, fui contratado.

Durante as longas conversas que tive com participantes desta experiência, li inicialmente as minhas impressões, (já citadas na apresentação da experiência), sobre as visitas que fiz nas propriedades de Juvenal e José de Júlio, como ponto de partida e estímulo à formulação de opiniões sobre cada situação descrita.

Conversei no período de 26 de julho a 8 de agosto de 1994 com agricultores e ex-funcionários do Patac, apresentados abaixo:

José Santos da Silva (**Dedé**) — presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Barra de Santa Rosa - PB, e agricultor assentado na Fazenda Quandu. Naquela época, Dedé morava no Sítio Santa Rosa, também localizado nesse município.

José Guimarães de Medeiros (**José de Júlio**) — presidente da Associação do Assentamento da Fazenda Quandu onde reside atualmente. No período estudado, José morava no Sítio Cândido, também localizado no município de Barra de Santa Rosa.

José Bento Leite do Nascimento (**José Bento**) — coordenador do Programa de Associativismo e Capacitação de Pequenos Produtores Rurais do Semi-Árido (PRACASA). No período estudado acompanhava doze comunidades localizadas nos municípios de Gurjão, Juazeirinho, Soledade, Olivedos, Cubati, Cabaceiras e São Vicente do Seridó.

Theodorus Augustinus Doderliin de Win (**Irmão Urbano**) - religioso da Congregação Redentorista Nordestina, que durante esta fase foi coordenador do Patac, responsável pelas pesquisas desenvolvidas na sede e co-responsável pela difusão das tecnologias alternativas. Entre os entrevistados, ele foi o único que teve acesso a todos os depoimentos antes de se pronunciar, porque achei que seria interessante conhecer a sua avaliação crítica diante das entrevistas que realizei.

Nas páginas seguintes sistematizo análises realizadas durante as conversas e posicionamentos de autores acadêmicos acerca das questões enfocadas.

O AUMENTO DO TRABALHO DO CAMPONÊS

"(...) É bom a tecnologia, mas é uma coisa um pouco difícil da gente fazer. Difícil porque pra gente fazer aquele composto depende de muito trabalho, de muito sacrifício para gente fazer o composto. (José de Júlio)



JOSÉ BENTO MOLHA, COM ÁGUA ENCANADA, UM MATERIAL PARA O COMPOSTO.

Conforme pudemos constatar durante a visita que fizemos à propriedade de José de Júlio, este agricultor de fato aplicou inúmeras técnicas orientadas pelo Patac, como: muretas de pedra; plantio de agave em faixas para conter a erosão; redução do espaçamento do milho, etc. José experimentou que estas novas técnicas responderam a alguns dos problemas que o afligiam, porém ele expressa com muitos detalhes o que significou para ele e sua família a aplicação de algumas delas.

Eu passei um bocado de tempo mais os meus meninos cavando valas, nós não recebemos nenhuma ajuda. Aí fizemos um barreirozinho. Sofremos muito, assim sem ajuda de nada da alimentação. Com a situação crítica naquele tempo de seca, ninguém não tinha alimentação no roçado e o Patac não deu essa ajuda lá. E aí depois, quando

veio o inverno de 84, carregou as valas todas e estourou aquelas valas e aí foi quando a gente partiu para o agave e a mureta de pedra, mas não teve ajuda de alimentação". (José de Júlio)

A impressão de José, frente ao insucesso quanto à aplicação das orientações técnicas, foi que o investimento realizado não resultou no aumento da sua produtividade agrícola e de sua renda, o que o faz afirmar: "...Se fosse para fazer novamente eu não faço mais não, porque depende de muito trabalho. Já tô velho e não aguento mais fazer... Tendo condições eu orientaria outros. Agora, se o cara for fazer o que eu fiz lá, o que eu passei, eu não oriento para ele fazer não".

Irmão Urbano, que naquela época era o coordenador geral da instituição e também o responsável pelas pesquisas desenvolvidas, apreciou "ver as reações depois de

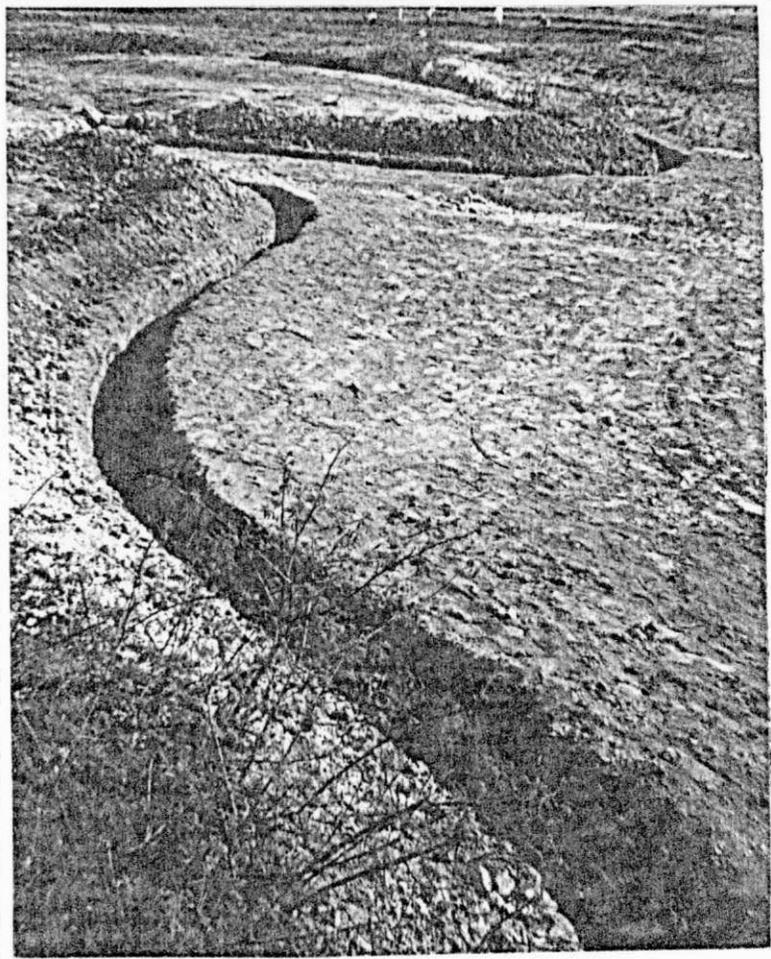
tanto tempo". Concordou com José de Júlio que "sem alimentação o trabalho é muito mais difícil de ser realizado" e justificou porque o Patac difundiu e orientou aquelas técnicas da seguinte forma:

"A gente sabe que no tempo da seca às vezes tem seis, oito meses, que não se pode plantar nem trabalhar na terra. Da mesma maneira que se trabalha na cerca, se trabalha na casa, se trabalha em fazer tijolos, a gente pensava que se podia fazer técnicas em composto ou em muretas ou em valetas, mas não foi entendido assim. Talvez a gente não conheça a realidade deles no tempo da seca".

Enquanto José de Júlio ressalta as dificuldades que teve, Dedé acha que quando o técnico (fazendo referência ao Ir. Urbano), dava aquelas orientações "tava comparando com aquela terra que o Patac tem em Campina Grande". Dedé achou isso *negativo*: "ele queria que a gente aqui mostrasse produção igual a que faziam lá. Mas só que era muito diferente a questão do solo, a questão dos funcionários...Lá no Patac, eu visitei muitas vezes aquelas hortas, aqueles canteiros... Lá fazia experiência: 'essa aqui não dava, amanhã arrancava, plantava outra'. Uma terra toda com água, um terra toda fofinha de composto. E tinha uma estrutura para ter aquele

composto. Nós aqui tava com o solo seco, todo despreparado, e o pessoal não tinha essa capacidade de preparar o terreno pela questão do solo ser bem diferente e pela questão da estrutura que a gente não tinha, né?"

Quando observamos as colocações de Dedé ao comparar as condições da sua terra e a área do Patac, podemos concluir que, neste caso, o acompanhamento dos agricultores aos experimentos desenvolvidos na sede do Patac serviu mais para desmotivá-los do que para animar cada um deles a implantarem a técnica, na medida que não chegavam aos mesmos resultados. As comparações de Dedé evidenciam



"...E AÍ DEPOIS, QUANDO VEIO O INVERNO DE 84, CARREGOU AS VALAS"
(JOSÉ DE JÚLIO)

também o quanto o Patac estava equivocado na sua compreensão sobre

a problemática da produção familiar no semi-árido, pois as propostas tecnológicas que apresentou aumentaram o trabalho do camponês e não favoreceram o suprimento das necessidades básicas de sua família. Alexander Chayanov, após estudos empíricos das explorações camponesas na Rússia e outros países, estabeleceu a seguinte tese:

"(...) O grau de auto-exploração é determinado por um peculiar equilíbrio entre a satisfação da demanda familiar e a própria penosidade do trabalho... Quando atinge esse ponto de equilíbrio, porém, não terá interesse de continuar trabalhando, já que todo dispêndio adicional de trabalho torna-se mais difícil de suportar pelo camponês ou artesão, do que a renúncia a seus efeitos econômicos".¹³

Na opinião de José Bento, o Patac estava "andando na contramão". Ele não pretende com isso afirmar que todas as técnicas de conservação de solo difundidas não eram necessárias, mas sim que, "para o agricultor, na avaliação do agricultor aquilo não era essencial".

Apesar das boas intenções da instituição ao investir, como linha prioritária, em ações de recuperação, conservação e melhoramento do solo, o fato dessas propostas técnicas não corresponderem aos anseios dos camponeses comprometeu os resultados.

Talvez a troca entre o saber técnico e o saber camponês não seja suficiente para resolver os problemas de um agricultor como José de Júlio ou Dedé. Mas com certeza

contribuiria para a ampliação da consciência dos problemas, por parte do agricultor, e para o Patac significaria talvez o aprimoramento de sua ação, pois o Patac poderia compreender melhor os seus limites (dada a sua especificidade) e os espaços onde sua atuação pode ser decisiva.

Compreendemos que, mesmo dispondo-se de propostas técnicas ecologicamente adaptadas a uma região, ainda não se tem a garantia de que estas serão as respostas mais válidas para solucionar a problemática da produção familiar. Existem outros fatores condicionantes, como: disponibilidade de recursos naturais; mão-de-obra; vocação e conhecimentos acumulados pelos agricultores; incentivos institucionais (crédito, assistência técnica, etc) e as forças de mercado.

¹³ A.V.CHAYANOV. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. p. 138 - 139.

Como vimos no primeiro bloco de depoimentos, o Patac pretendia, ao difundir técnicas de conservação do solo, ajudar os agricultores a canalizar seus esforços - no período da seca - para ações que normalmente não podem ser realizadas na época de plantio ou colheita, pois isso se torna prioritário. Parece-me que justificar o que foi feito apenas pelo "desconhecimento da realidade dos agricultores no tempo da seca" não é satisfatório. Veremos abaixo o que pensa a respeito disso um dos educadores do Patac naquele período.

"Eu acho que o fio da história está naquilo que o Patac priorizava. Nós íamos lá com os técnicos e via-se o conjunto das necessidades da propriedade do agricultor, mas quem decidia o que deveria ser feito não era o agricultor. Quem priorizava o que fazer era o Patac. Então tá lá a necessidade: falta palma, falta alimentação para os animais, falta água. Mas se o seu terreno tem lá uma erosão, seu terreno está sendo estragado pelo sol, pela água e essa coisa toda, então o Patac não tinha dúvida: era trabalhar o terreno, porque a prioridade para ele era difundir a tecnologia alternativa de conservação do solo, então deixava de lado todas essas questões". **(José Bento)**

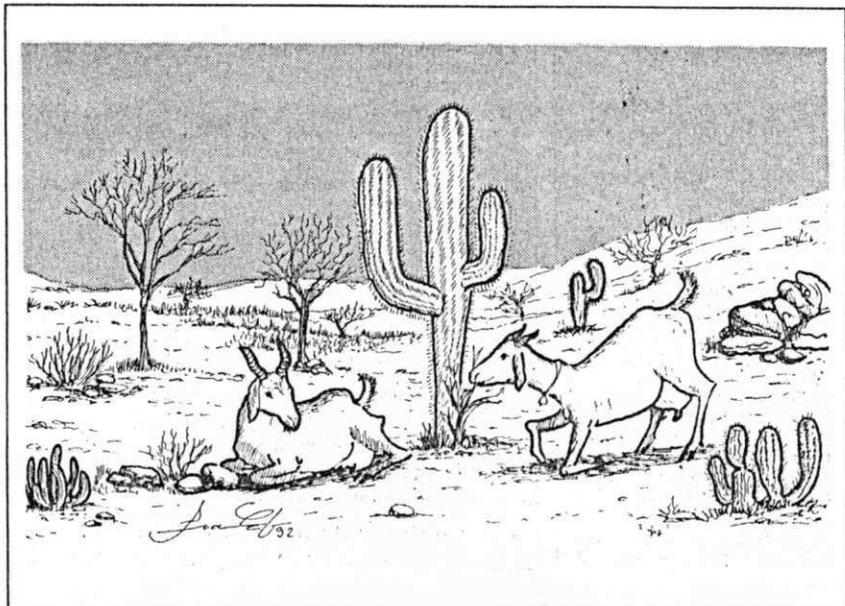
Observando as diversas avaliações, Irmão Urbano acredita que o sucesso das orientações dadas pelo Patac brotava do empenho dos agricultores e que a principal dificuldade do Patac foi não saber animar todos os agricultores. É o que podemos perceber quando ele diz que:

"onde tinha pessoas motivadas a gente conseguia propor as nossas propostas. Agora nem com todo mundo a gente conseguiu criar essa motivação. Ele, José de Júlio, foi motivado porque a terra dele estava se estragando, quer dizer era uma coisa bem visível. [Em] erosões que não são visíveis e que não são notadas pelo agricultor, o problema é muito mais do técnico do que do camponês, porque o camponês não sente o problema. Enquanto não sente o problema, enquanto não reflete sobre as conseqüências desse problema fica mais difícil para agir".

(Ir. Urbano)

Aí notamos uma compreensão do papel do técnico como aquele que deve enxergar adiante, apontando para o camponês dificuldades que ele não consegue enxergar. O Patac parece ter atuado nessa linha, possivelmente acreditando nesta responsabilidade e nesta autoridade do saber técnico, sugeridas, ao meu ver, nas entrelinhas da colocação de Irmão Urbano. Para José Bento, o que havia na verdade eram compreensões diferentes sobre as necessidades do agricultor. (A visão do agricultor foi realmente levada em conta ?)

"...Porque o conceito que ele [o agricultor] tinha da necessidade dele era outro. O cara estava preocupado em cercar sua propriedade para poder criar uma cabra, vamos dizer, e para poder criar a cabra ele precisava ter a palma, que é uma cultura resistente à seca, que assegurava no decorrer do período da seca a alimentação para aquela cabra. Com o resultado daquela cabra ele poderia ter parte das suas necessidades atendidas, então passava por uma necessidade dele. Mas aí a gente chegava com a necessidade da apicultura, aí o que acontece? A apicultura é uma atividade econômica que não faz parte da prática dos agricultores da nossa região. Então você tinha mais uma dificuldade, que era a inculturação: a gente "culturar" esse sujeito primeiramente para a apicultura, depois a necessidade dele consumir o mel. A abelha por si só é um objeto de não muita aceitação, então isso dificulta...". (José Bento)



"PORQUE O CONCEITO QUE ELE [O AGRICULTOR] TINHA DA NECESSIDADE DELE ERA OUTRO. O CARA ESTAVA PRECUPADO EM CERCAR SUA PROPRIEDADE PARA CRIAR UMA CABRA..."

Investir num processo educativo de consulta e reflexão entre camponeses e técnicos do Patac provavelmente é o caminho mais adequado para a escolha de uma proposta técnica que, de fato, melhore as condições de vida e de trabalho do campesinato. Porém, nem mesmo o processo de consulta e reflexão é suficiente. Na perspectiva de complementariedade de saberes entre o técnico e o agricultor, o que disse Irmão Urbano sobre situações em que é necessário uma intervenção do técnico, expondo ângulos novos de visão sobre determinado problema ou propostas para solucioná-lo, é também legítimo. Mas certamente essas propostas devem estar baseadas naquilo que o técnico conhece *da cultura do camponês, do seu modo de produzir*, sem esquecer que o agricultor tem o *poder de definir o que melhor lhe convém*.

TECNOLOGIA NÃO COMPROVADA

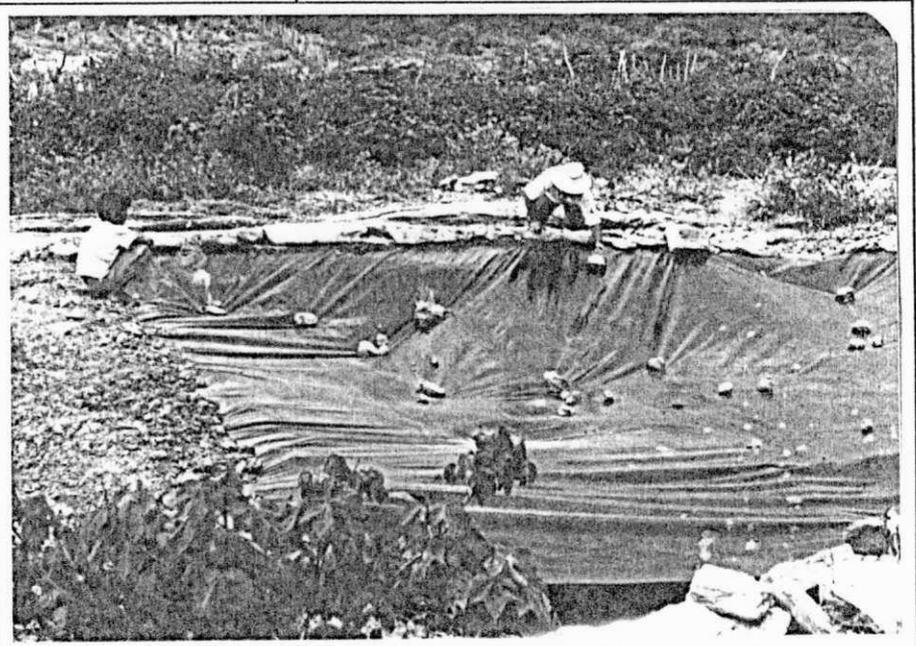
Apresenta-se como um grande risco para os camponeses que possuem poucos recursos materiais, aplicar novas tecnologias que não possuem comprovação garantida, como fica evidenciado nos depoimentos abaixo.

"Depois daquelas cobertas mortas, que elas se desmanchou, a terra ficou um pouco melhor. Aí, devido à escassez de matéria-prima de cobertura morta eu também não continuei, mas ficou aquilo que você viu.(...)Um ano que foi fraco eu plantei a semente com um composto que eu tinha separado de anos atrás. Devido à chuva que foi pouca, ela secou logo e não germinou, não nasceu. Onde não tinha composto o molhado segurou, aí nasceu". **(José de Júlio)**

"... a outra [tentativa] foi a de ter aquela barragem e aproveitar a água no plantio com aquela forma de aguar com panelas, com litros e com essas pequenas coisas... E a outra questão que a gente tentou

também era aproveitar essa água nas plantações. Peguemos um ano de pouca chuva e a gente tentou aguar com panelas, com aquelas garrafas de plástico, mas eu não notei assim que tivesse proveito, não. Agora isso foi muito refletido: porque aquela pouca água não servia? A gente viu que era também porque o solo era muito duro e o que mais precisava nessa terra era o processo de adubo, porque só daí em diante era que podia essa pouca água ajudar a conservar os plantios. Eu achei que foi negativo, a gente gastou muita mão-de-obra nessa aguação e não resolvia o problema.

(...)E tentamos também evitar a evaporação. Chegamos a cobrir a barragem duas vezes. A gente aprendeu que se tivesse permanecido coberta seria positivo, mas o negativo foi que nenhuma das cobertas resistiu. A primeira cobertura a gente fez com essa lona plástica, mas com uns meses começou a levar sol e com o sereno da noite ela logo



se acaba, não resiste. Depois veio a segunda tentativa de cobrir com telhas *brasilit* e fizemos um gasto muito grande naquela barragem, (na época, com todo um acompanhamento do Patac). Os meninos trabalharam muito com a gente. A gente comprou cabo de ferro, puxou todos os cabos de ferro por cima e depois cobriu com as telhas. E o resultado enquanto estava coberto deu pra gente ver que é positivo: o saldo da água. Mas aí veio um furacão um dia e ventou por baixo e aí rebentou tudo. Aí a gente não tentou mais porque já tinha tentado duas vezes, mas nós tiramos a lição que de fato a cobertura da água evitava essa saída". (Dedé)

O PATAC E A VOCAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO

"Nós sabemos que na nossa região a questão da deficiência da nossa terra está relacionada também com outras circunstâncias, quais sejam: a questão do índice pluviométrico, da continuidade do período do inverno, a questão das sementes, a questão das condições financeiras do próprio pequeno produtor. Às vezes quando ele vai plantar o roçado, ele tem perdido as primeiras chuvas. Ou então, quando ele vai cuidar, limpar, dar uns tratos culturais tem atrasado a produção: chega por último, não se planta naquele dia porque a chuva não veio...

Ele está em busca do ganha-pão como diarista, muitas vezes aí ele chega sempre atrasado no roçado dele, então passa por essa preocupação.

Por outro lado, no período da seca, a preocupação excessiva (e natural) pela sua subsistência, pois ele precisa de outros meios de vida, sua família de outros gêneros alimentícios, e quando ele lucra ele só tem milho e feijão. Então tudo isso passa por outras questões também muito graves, e a característica própria da nossa região, que é a criação de animais. (Zé Bento)

"(...) Enquanto naquela época colocava a ênfase em cima da agricultura para essas regiões, a gente hoje em dia nota que foi um erro e que tem que ser colocado muito mais a

agricultura nos lugares apropriados para isso e o resto tudo criação. A agricultura então, só para a própria sobrevivência, não para grandes coisas... No semi-árido, em dez anos, oito são irregulares e só dois anos têm chuvas regulares em que se pode contar com a plantação de milho e feijão, *mas é um risco sempre.*

(Ir. Urbano)

Apesar de Zé Bento e Irmão Urbano enfatizarem a criação de animais como a principal atividade econômica da região, nos depoimentos eles revelam que o Patac investiu intensamente em outras atividades, mesmo com a sinalização explícita dos camponeses sobre a ineficácia das propostas técnicas apresentadas, indicando a criação de animais como algo a ser investido.

"A sensação pessoal que eu senti daquilo ali, a experiência, eu sempre questionava esse aspecto, mas estava trabalhando na instituição e consequentemente tinha que reproduzir aquele trabalho que a instituição priorizou e me propôs fazer a difusão naquele tempo, né?"

Fiz um esforço tremendo para aquela história e a minha sensação foi muito ruim no final, porque eu fiquei assim com um sentimento de derrota porque eu não vi nenhuma dessas práticas serem assumidas. Mas por outro lado eu fiquei convencido de que a gente estava andando na contramão. (...) Não ficou nenhuma prática que a gente possa dizer que *isso daqui é*

fruto daquele trabalho que a gente fez naquele tempo, neste sentido do ponto de vista da conservação do solo e em determinadas práticas.

Mas por outro lado, com muitos agricultores nós conseguimos pelo menos discutir e aprofundar essa necessidade. O agricultor colocava: *eu sei que isso é importante, mas se eu for fazer essa prática eu acabo não tendo forragens para os meus animais.* Então como o forte da nossa região é a criação dos animais, da cabra, da ovelha e até dos bovinos, da vaca de leite, do garrote, essa coisa toda, então isso aí ficou mais forte, prevaleceu. **(Zé Bento)**

Há trinta anos, os estudos de Guimarães Duque já indicavam o que disse Irmão Urbano a respeito do risco permanente no cultivo de milho e feijão, e já apresentavam soluções considerando as características da região semi-árida.

"Tomando um período de 10 anos, as lavouras de milho e feijão, de arroz, de batata, de hortaliças etc, no sertão, no seridó, na caatinga, no cariri, dão em média anual, colheitas de 70 a 30% de perda".¹⁴

"A intermitência de pluviosidade, junto com os solos de limitada capacidade hídrica, tornaram o 'interland' mais adequado para as árvores e os vegetais perenes, do que para plantas anuais ou herbáceas. Ao lavrador compete tirar partido dessa adaptação, dando preferência às culturas permanentes de árvores que protegem o solo, que podem ser enraizadas de uma vez nos anos bons, que formam patrimônios e que dão safras mais regulares nas secas".¹⁵

¹⁴ G. DUQUE. "O Nordeste e as lavouras xerófilas". p. 163.

¹⁵ Ibidem, p. 34.

"A aridez, ainda que limite o desenvolvimento vegetal, proporciona contudo, muitas vantagens importantes: salubridade, abundância de plantas *xerófilas* de alto valor industrial, colheita de produtos não possíveis nas região chuvosas, clima propício ao desenvolvimento da pecuária...".¹⁶

Devido às condições do clima, do solo e da flora, o semi-árido nordestino tem provado ser uma região mais apropriada para criação de gado e para o cultivo de árvores e vegetais perenes do que para o cultivo de milho, feijão e fava. Logo, utilizar os restos dessas culturas, habitualmente aproveitadas como forragem, para a confecção de cobertura morta e composto orgânico é ir de encontro à vocação da região.

Podemos afirmar também que os resultados obtidos com as culturas de subsistência tradicionalmente cultivadas pelos camponeses não justificam o trabalho gasto com as tecnologias de conservação e fertilização dos solos difundidas pelo Patac, como muretas de pedra, valetas, composto orgânico etc.

O QUE EXPLICA A APLICAÇÃO, POR PARTE DE ALGUNS AGRICULTORES, DAS TÉCNICAS DE CONSERVAÇÃO E FERTILIZAÇÃO DO SOLO DIFUNDIDAS PELO PATAc

I. A técnica é valorizada pela observação de sua utilidade prática e na perspectiva de proporcionar melhorias na produtividade agrícola.

"O Patac tinha uma proposta de tecnologia alternativa apropriada às comunidades pela sua própria característica e tinham algumas propostas que refletiam as nossas necessidades naquele tempo, né? Quais sejam: a nossa região é muito carente de assistência técnica e principalmente no tocante à direção mais alternativa, como a história do barreiro, a história da água, aí tem a questão da cisterna, a questão da recuperação de pequenos barreiros, coisas dessa forma, além da questão da recuperação do solo".

(Zé Bento)

"(...) Tentamos também uma outra técnica que, pra mim, *essa foi uma das que deu a lição melhor pra gente*, foi a questão da cobertura morta. (...) Nos cantos onde não tinha cobertura morta o

¹⁶ G. DUQUE. "O Solo e a Água no Polígono das Secas". (prefácio).

milho não desenvolveu nada. Tinha um Maurício que dava uma assistência no Patac e ele trouxe umas lentes um dia: onde tinha uma cobertura morta tinha uns bichinhos. Com aquela lente a gente pôde ver que a cobertura morta



"UMA DAS [TÉCNICAS] QUE DEU A LIÇÃO MELHOR PRA GENTE FOI A COBERTA MORTA".

criava todos aqueles bichinhos que fofava a terra e a gente comprovou isso: o terraço que foi de cobertura morta o milho ficou verde e as espigas cresceram, né? Isso foi uma das experiências mais positivas que a gente tirou de todo aquele trabalho que a gente fez. (Dedé)

II. Os camponeses fazem suas avaliações a partir do que vivenciaram na experimentação das técnicas, valorizando o conhecimento adquirido, mas sem deixar de ressaltar a ineficácia de algumas propostas tecnológicas, além da rigidez (autoritarismo) e da falta de conhecimento dos técnicos sobre as condições objetivas dos agricultor.

"É bom porque depois que o Patac fez essas visitas, surgiu na gente outras idéias de trabalho, de como também não estragar

tanto a terra, (sabe?), de evitar mais a erosão da terra. Isso foi bom porque a gente não tinha aquela idéia antes do Patac.

Foi bom o Patac porque ele ajudou também a desenvolver sobre o problema da água, da mureta de pedra, como a gente fez no Cândido, ajudou também a evitar a erosão da terra. A curva de nível é bom porque evita a erosão. As valetas não é muito apropriada, porque a água quando vem ela leva a terra. Pra mim foi negativa as abelhas, porque é um bicho muito perigoso pra gente lutar com ele. Aquilo dali, eu não quero negócio com aquilo não, porque mordida a gente, a gente usava aquelas roupas mas mordida no dia que a gente ia tirar o mel. Um dia quase endoidece todo mundo lá em casa elas mordendo.

A mureta de pedra foi, na minha opinião, a mais positiva porque

tinha muita erosão na terra e quando eu saí de lá ninguém notava quase a erosão. A faixa de retenção com agave foi boa também, mas quando o agave tranca*, aí pronto! Ali assombra, não serve para mais nada. Agora que o agave aprovou porque evitou [a erosão]. Foi um trabalho que teve resultado porque a gente não tinha aquela tecnologia. Sabe, eu acho que porque eu não sabia de nada daquilo, mas o que ficou foi porque não sabia, e sei hoje como fazer curva de nível, mureta de pedra, como fazer para evitar a erosão. Aí ficou como resultado. (José de Júlio)

"Como maneira do Patac eu vejo dois pontos: um positivo, porque de fato deixou algum ensinamento para a gente, agora eu volto a lembrar, eu achei que ele exigia muito, a maneira assim de querer uma produção num solo onde a terra não estava pronta para isso, onde o trabalhador não tinha condições, a gente não tinha matéria-prima. Eu acho que nessa parte, essa maneira aí era muito rígida, em querer que você obre milagre sem o santo, posso dizer nessa linguagem, né? Eu achava que essa maneira era um pouco dura, sim. Eu vejo de positivo que, apesar dessa maneira, deixou o positivo que a gente pôde aprender, apesar de hoje não utilizar a tecnologia do Patac, ficou alguma coisa, tamos fazendo aos poucos, né? (Dedé)

III. Os agricultores fizeram um grande esforço para melhorar as suas condições, porém faltou aos técnicos sensibilidade para incorporar a experiência dos agricultores no contato com a tecnologia. As adaptações que fizeram comprovam o quanto estavam atentos ao que lhes era transmitido.

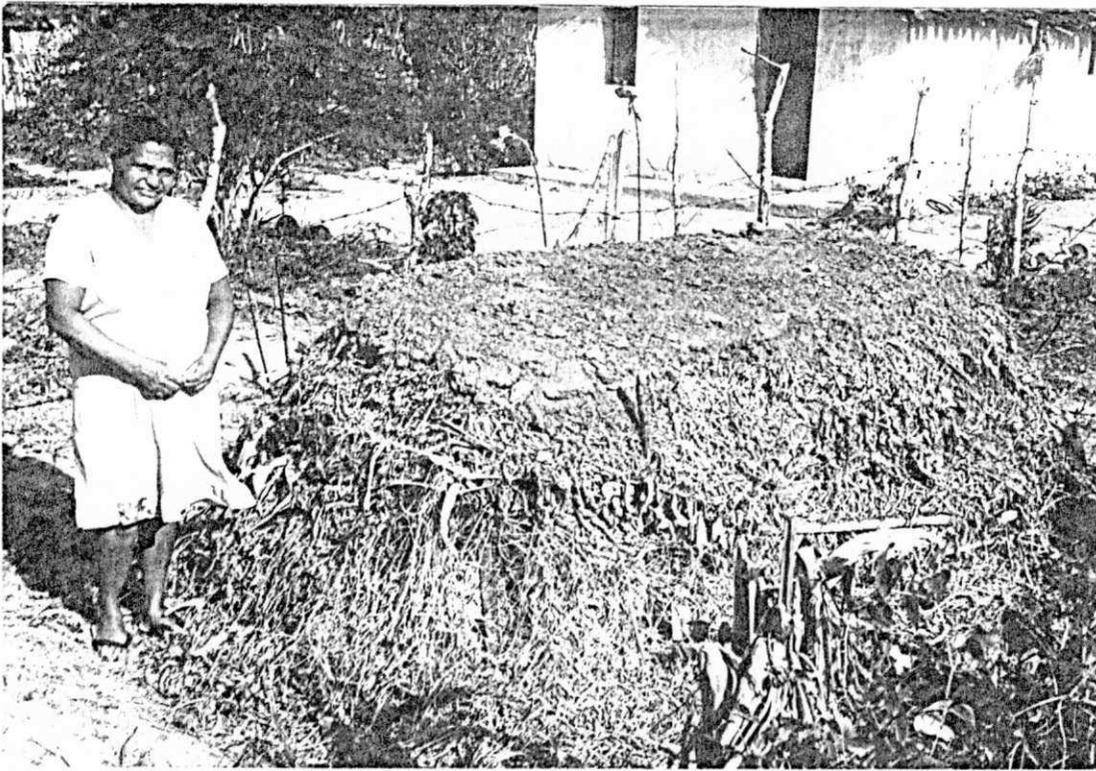
"Eu pelo menos evito também, no trabalho de cultivar a terra, a erosão. E não cultivo a favor da água, isso é que a gente procura evitar. Não continuo fazendo o plantio em curva de nível porque depende de mais trabalho para a mão-de-obra, para a implantação".(José de Júlio)

"A maioria dos agricultores não se preocupam em conservar a terra porque falta conhecimento que o próprio produto da terra, o basculho**, é o sangue, é a vitamina da terra. Eu acho que falta é eles conhecer isso. Na minha opinião, eu tive que fazer até a minha experiência: quando eu não tinha conhecimento, eu queimava.

A gente hoje não faz como nos ensinaram a fazer a curva de nível. Não fazemos aqueles 'paiolção' de composto. No geral, eu acho que ficou esta aprendizagem porque a folha seca a gente não queima e orienta os outros não queimar. Quando a gente desmata, e o mato não tem muita madeira e a gente vê que tem um mato fino que ele desmancha por ele mesmo, a gente deixa. Isso foi o que a gente aprendeu com esse

* Tranca - ocupa todos os espaços.

** Basculho - matéria orgânica vegetal em processo de decomposição.



"NÃO FAZEMOS AQUELE 'PAIOLZÃO' DE COMPOSTO. EU ACHO QUE FICOU ESTA APRENDIZAGEM PORQUE A FOLHA SECA A GENTE NÃO QUEIMA". (Dedé)

acompanhamento do Patac. Aqui, no Curimataú, nós temos alguns pequenos riachos [erosões] no roçado. A gente tá plantando capim elefante (porque evita a erosão) e aquela pedra solta que tem no roçado, (pelo menos no meu eu já fiz duas faixas nos riachos), de qualquer maneira tá evitando, tá fazendo aterro, né?" (Dedé)

"Em outros momentos, eu peguei uma área lá, o ano atrasado, tinha um mato muito grande, foi preciso fazer destoca e aquele mato era de juntar para queimar e eu não queimei. Fiz aqueles pavios assim na terra e deixei lá virar composto. Não é aquele processo como foi orientado pelo Patac, mas de uma maneira mais simples a gente deixou que aquilo lá não fosse queimado e ele lá por conta dele virasse composto, isso de uma maneira

simples, mas a gente sempre vem tentando orientar o trabalhador que não queime.

Até a maneira como a gente junta lá no pé do cajueiro, quando é com um ano aquilo vira composto e aqui na área do Curimataú, que o meu roçado é perto dele, a gente não usa as valas em curva de nível. Eu acho que é por duas questões: primeiro porque a gente tem muita terra disponível, muita terra descansada e quando uma área cansar a gente pode até pegar outra, mas também tem a questão da mão-de-obra com as valas. Você não planta em xadrez, né? Aí vai exigir muita mão-de-obra com a enxada e plantada a xadrez você limpa seu roçado só com o boi e dá um descanso muito grande".

(Dedé)

"Pelo menos dá valor ao mato porque não queima, agora são conceitos muito primários. Que ele não faz o plantio em curva de nível, porque cultiva em xadrez com o boi, isso é avanço. Agora o conhecimento dele contra o combate da erosão chega, pelo menos com a última passada ser *contra as águas** já é uma coisa boa". (Ir. Urbano)

IV. Os entraves na aplicação das técnicas.

Eu acho que uma ajuda que a gente recebeu na época de cavar as valas, tudo bem, aquilo serviu para quê? Para, nas semanas que tava trabalhando ali, **tinha uma ajuda para alimentação**. Mas quando acabou essa ajuda, o próprio trabalho não tinha produção pra você dar continuidade àquele trabalho. Isso foi uma parte negativa. (Dedé)

Eu passei um bocado de tempo mais os meus meninos cavando valas, mas nós não recebemos nenhuma ajuda, aí fizemos lá um barreirozinho, **sofremos muito assim sem ajuda de nada de alimentação**, com a situação crítica naquele tempo de seca ninguém não tinha alimentação do roçado e o Patac não deu essa ajuda lá e aí, depois quando veio o inverno de 84 carregou as valas todas e estourou aquelas valas e aí foi quando a gente partiu para o agave e a mureta de pedra, mas não teve ajuda de alimentação. Se fosse para fazer novamente eu não faço mais não, porque

* contra as águas - perpendicular ao sentido que escoam as águas pela superfície do terreno.

depende de muito trabalho. Já tô velho, não aguento mais fazer, tendo condições eu orientaria outros. Agora, se o cara for fazer o que eu fiz lá, o que eu passei, eu não oriento ele fazer não". (José de Júlio)

V. Autoridade dos Técnicos/ Interesses dos camponeses.

"A gente conduziu a proposta do Patac e a gente passou a trabalhar no Patac. Naquele tempo, em virtude do trabalho, ao acesso que a gente tinha com diversas comunidades, (era um trabalho que tinha a sua originalidade na Igreja). (...) Quando a gente entrou no Patac já se estava com esse trabalho, então foi uma preocupação da ampliação e com as relações que eu pessoalmente tinha na nossa região. Então para o Patac deve ter sido esse o critério para a gente trabalhar, é que ele não tinha mais que conquistar espaço com os agricultores porque a gente já tinha acesso a um grupo de agricultores muito grande.

A gente conseguiu fazer demonstrações com quarenta, cinquenta trabalhadores com compostagem, com cobertura morta, todo mundo trabalhando. Nós fizemos roçados comunitários com experiências conjuntas interessantíssimas, até ali o pessoal empolgadíssimo, todos curiosos com a história, chegavam à conclusão que era importante. Mas quando partíamos para a realidade de cada família isso não deslanchava

porque nenhum praticou na sua roça efetivamente.

O Patac não considerava muito o anseio do agricultor que se estava trabalhando, porque a prioridade do Patac era essa. Então, *'você aceita trabalhar com isso? Tudo bem. Se não aceita, então tchau'*. Mas não passava pela demanda do agricultor. Então, a gente que fazia aquela ponte tinha uma ligação afetiva com aquelas pessoas, eles aceitavam, mas aceitar não significa dizer assumir, não significa dizer concordo com tudo, que na sua vida prática assumiria posteriormente aquilo ali". (José Bento)

O que limitou o processo educativo vivenciado pelo Patac com os camponeses foi acreditar que apresentava técnicas apropriadas à produção familiar. O que verificamos é que os agricultores valorizaram os conhecimentos adquiridos, porém não se apropriaram das técnicas e sim dos princípios agroecológicos¹⁷ em que elas se baseiam.

Para que houvesse um melhor saldo educativo e agroecológico seria necessário que o Patac apresentasse alternativas técnicas que fossem aperfeiçoadas conjuntamente com o agricultor. Melhor dizendo: para que uma tecnologia seja considerada como

¹⁷ "Adotamos a definição de Altieri que situa a agroecologia como a base científica da agricultura alternativa. (...) A agroecologia não é mais do que a utilização dos conhecimentos ecológicos para orientar a produção de alimentos, fibras, etc. Seu princípio básico é a busca de uma máxima produção compatível com o funcionamento da natureza e a manutenção dos recursos naturais". Cf. WEID, Jean Mar von der. Boletim "Parceria", do Serviço de Apoio Local da Fundação Interamericana no Brasil, setembro/94, número 3, p.1.

apropriada, ela precisa ser o resultado de um processo educativo, onde o saber do técnico e o saber do agricultor se complementam. Para o Patac, isso aponta a necessidade de, além de respeitar a vocação do semi-árido, estabelecer um processo de "consulta/confronto"¹⁸ com os camponeses, e quando se fizer necessário desenvolver pesquisa com a participação do agricultor, de modo a tornar apropriado, ou aplicável à produção familiar, as tecnologias que difunde.

¹⁸ Termo utilizado por: SALES, Ivandro da Costa & Outros. In: Metodologia de Aprendizagem da Participação e Organização de Pequenos Produtores. CADERNOS CEDES Nº 12. Cortez. p.32-44.

No Patac, a motivação é apresentada como a principal estratégia da *difusão*. Porém, no processo de transmissão de novos conhecimentos não podemos nos restringir ao repasse de informações. O que repassamos de fato é ideologia, visão de mundo, valores... que para serem adotados precisam de algumas condições.

"O que leva um grupo social a tornar-se apático diante de propostas de transformação, de mudança e de renovação da sociedade? Gramsci aponta algumas condições que devem ser preenchidas para que o grupo social responda, efetivamente, a uma proposta de mudança ou aceite uma nova concepção de mundo.

Primeiro ela deve ser exposta de maneira racional. É preciso que haja clareza, a respeito dos fundamentos políticos da proposta, dos seus objetivos e dos interesses a que ela atende.

Em segundo lugar, é necessário que a pessoa, ao expor uma certa concepção de mundo e, portanto, uma proposta de ação na sociedade, seja reconhecida e apreciada pelo grupo como autoridade competente para tanto.

Em terceiro lugar, aquele que propõe o desenvolvimento de uma ação, de uma certa concepção de mundo, e espera que essa concepção se imponha como fato diante de um grupo social, não pode se ausentar na hora da execução concreta, permanecendo como expectador das organizações que acionam a ação proposta.

Ainda que goze de autoridade intelectual para propor a ação, ainda que a exponha de forma racional e clara, se a pessoa permanece em seu gabinete, fechada, isolada, a tendência é a mensagem cair em descrédito e não resultar em nenhuma ação concreta na sociedade.

(...) Isto, no entanto, não acontece de modo arbitrário. As propostas de ação ou uma certa concepção de mundo têm de manter uma relação orgânica com a realidade histórica vivida pelo grupo ao qual são colocadas. Há que se verificar se elas se articulam com o momento histórico, a fim de que a sociedade não seja convocada para uma ação desvinculada daquilo que é historicamente possível. Quando isto ocorre, ela não é uma proposta concreta de ação, mas idéias abstratas em um mundo de sonho: não passa de exercício literário. Com freqüência,

temos ouvido lideranças partidárias intelectuais discorrendo sobre utopias literárias como se fossem propostas históricas. Mas é evidente que o povo reconhece como tais. Uma idéia, por mais brilhante que seja, quando não mantém uma relação histórica profunda com o momento, pode ser admirada, aplaudida e gozar de extrema popularidade. Mas porque não responde a uma necessidade histórica, será apenas mais um interessante evento intelectual, cultural ou político, incapaz de se tornar força impulsionadora de um processo de transformação na sociedade".¹⁹

¹⁹ N. RODRIGUES. "Lições do Príncipe e Outras Lições", p. 48 - 50.

Difusão de "Tecnologias Apropriadas" em Assentamentos Rurais

OBJETIVO GERAL DO PATAc²⁰

A partir da compreensão da realidade social e política das comunidades urbanas e rurais, contribuir com o movimento popular, de forma interativa com outras instituições, buscando aplicar as tecnologias apropriadas às necessidades do povo, visando apoiá-lo nos processos de conscientização, libertação de vida e de sociedade.

Objetivo Específico nº 1: pesquisar, experimentar, gerar, adaptar, documentar e aplicar técnicas simplificadas e de baixo custo, principalmente na área de agricultura e criação de pequenos animais, que atendam às necessidades das comunidades envolvidas.

- Estratégia nº1:** obter o diagnóstico participativo das áreas de atuação.
- Estratégia nº2:** fazer um plano de ação com a comunidade.
- Estratégia nº3:** levantar os estudos e experiências desenvolvidas em outras entidades de pesquisa e adaptá-las a realidade dos agricultores.
- Estratégia nº4:** trabalhar preferencialmente com grupos já organizados.
- Estratégia nº5:** aprofundar a metodologia de comunicação participativa.
- Estratégia nº6:** sistematizar e registrar todas as atividades do Patac.
- Estratégia nº7:** promover intercâmbio entre grupos de agricultores com os quais o Patac trabalha e outros.
- Estratégia nº8:** promover e incentivar a participação dos agricultores em treinamentos diversos sob a responsabilidade do Patac ou de outras entidades.
- Estratégia nº9:** manter a linha de publicações de interesse para o trabalho do Patac e de outras instituições.
- Estratégia nº10:** favorecer a criação de fundos rotativos de pequenos animais e implementos agrícolas apropriados.
- Estratégia nº11:** incentivar nos agricultores a atitude de experimentação em tecnologia apropriada.
- Estratégia nº12:** desenvolver e incentivar a adoção de tecnologias específicas de convivência com a seca.

²⁰PATAc, Relatório de Atividades 1989/1º Semestre.

***"...Inventar técnicas, quer dizer,
encontrar maneiras de simplificar as técnicas
para os camponeses é muito fácil.
Só uma técnica nós não estamos ainda
dominando, que é justamente a técnica de
como levar aquilo para o camponês".***

Ir. Urbano

Apresentando a Experiência

Histórico do Assentamento

A luta dos agricultores assentados na Fazenda Paus Brancos iniciou em 1985, quando cerca de trezentas famílias começaram a se reunir periodicamente na Igreja Católica do bairro de Bodocongó, sob a coordenação da Comissão dos Agricultores Sem Terra do município de Campina Grande.

Após dois anos de discussões - durante os quais muitas famílias desistiram e outras ingressaram - o grupo de agricultores decidiu ocupar a Fazenda Codorna, situada na periferia de Campina Grande. Estiveram nove meses nessa fazenda, quando foram expulsos e partiram para um acampamento na praça central da cidade, onde passaram 43 dias. Houve uma demorada negociação com o Governo do Estado da Paraíba, que culminou com a compra, em dezembro de 1987, da área da Fazenda Paus Brancos, onde foram assentadas 72 famílias.

Ao chegarem em Paus Brancos, os agricultores fizeram um sorteio de pequenos lotes provisórios para aproveitar o inverno daquele ano, pois as terras ainda não estavam demarcadas. Construíram casas de taipa com recursos disponíveis no local, sendo que as telhas foram fornecidas pelo Projeto Nordeste. A demarcação e o parcelamento dos lotes definitivos foram concluídos pela FUNDAP - Fundação de Colonização e Desenvolvimento Agrário do Estado da Paraíba, no início de 1989.

A partir daí, o trabalho foi bastante pesado para quem possuía apenas a força dos braços e poucos instrumentos de trabalho. Por isso, após a colheita, muitas famílias começaram a passar o período seco em Campina Grande, em busca de um complemento de renda. Isso demonstra que, entre as dificuldades do assentamento, havia a falta de ajuda financeira para viabilizar o uso do solo durante todo o ano.

*Na mesma época da chegada dos agricultores a Paus Brancos, o Patac realizou um seminário de auto-avaliação, que indicou a necessidade de implantar profundas modificações na metodologia de difusão das tecnologias alternativas. Entre outras coisas, ficou decidido que o Patac deveria se afastar progressivamente das famílias que vinha acompanhando no município de Barra de Santa Rosa, devido aos poucos resultados obtidos. Saímos desse seminário convencidos de que a principal explicação para aqueles fracos resultados, encontrava-se na ausência de uma equipe de difusão competente, que desenvolvesse um diagnóstico prévio das áreas de atuação. Ao final daquele encontro, a palavra mágica, "salvadora" de todos os males era **DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO**.*

Falava-se muito naquele período que o forte do Patac era a experiência técnica. Achávamos que já havíamos acumulado um razoável acervo de propostas técnicas, que precisavam encontrar canais eficientes para se propagarem. Neste sentido, foram estabelecidos alguns critérios para orientar nossos futuros trabalhos, tais como: atuar junto a comunidades que apresentassem um certo nível de organização; elaborar uma metodologia de trabalho que contemplasse um diagnóstico das comunidades acompanhadas; escolher comunidades próximas de Campina Grande que pudessem receber um acompanhamento mais intensivo...

Segundo a equipe do Patac, Paus Brancos se enquadrava nos critérios estabelecidos, pois, a partir de um processo de organização havia

conquistado uma terra que ficava localizada próxima de Campina Grande, o que possibilitava um acompanhamento sistemático por parte do Patac. Assim sendo, elegemos essa área como a primeira onde seria testada nossa proposta metodológica.²¹ Proposta essa que consistia basicamente no seguinte:

- 1^a. Etapa: mapeamento dos ocupantes da terra.
- 2^a. Etapa: motivação para elaboração do retrato da comunidade.
- 3^a. Etapa: elaboração do retrato da comunidade.
- 4^a. Etapa: projeção da comunidade desejada.
- 5^a. Etapa: construção do plano de ação.

Não compreendíamos as etapas como blocos isolados, que deveriam seguir rigidamente uma seqüência. Já havíamos refletido anteriormente e o desenrolar da experiência confirmou que essas etapas se cruzavam e ainda, dependendo do momento, retornavam. Percebíamos essa metodologia como uma referência para orientar o trabalho e para estabelecermos algumas metas para serem alcançadas em cada etapa (vide anexo I).

Para implantação dessa proposta, buscamos o apoio de outras entidades de assessoria, a fim de que nos ajudassem a cobrir campos de conhecimento que não eram da nossa especificidade (alfabetização, assistência comunitária e jurídica). Mas, na prática, somente a Comissão dos Agricultores Sem Terra do município de Campina Grande continuou acompanhando essa nova comunidade.

²¹ Posteriormente, além da comunidade de Paus Brancos, iniciamos o acompanhamento de duas novas áreas: o Assentamento da Fazenda Bela Vista e o Assentamento da Fazenda Velha. Pretendemos nos limitar neste trabalho ao resgate da experiência do Assentamento Rural da Fazenda Paus Brancos, por avaliarmos que ele retrata bem este período.



LEVAMOS NOSSAS PROPOSTAS TÉCNICAS E COLETAMOS COM OS ASSENTADOS INFORMAÇÕES PARA DESENVOLVER OS TRABALHOS.

1ª. ETAPA:

Mapeamento dos Ocupantes

Apresentamos nossa proposta de trabalho na Assembléia da associação do assentamento, que prontamente concordou. Com o desenvolvimento dos trabalhos, concluímos (naquela época) que a maioria dos agricultores não entendeu nada do que explicamos sobre nossa especificidade, nem tampouco como pretendíamos trabalhar junto à comunidade. Pois, sempre que pedíamos opinião sobre nossa proposta de trabalho, eles desviavam o assunto ou expressavam algo completamente diferente. Embora houvesse esses sinais, o Patac não repensou o método para realização do diagnóstico.

Durante os dois primeiros anos que acompanhamos essa comunidade, permanecemos no mínimo dois dias por semana

hospedados na casa grande da Fazenda, que na época funcionava como salão comunitário. Inicialmente formamos nossa equipe de campo com quatro técnicos do Patac, uma professora de sociologia da UFPB (Fanny Rubio Lorza) e uma estagiária holandesa (Irene Guitz). Dividimos essa equipe em duplas, que visitaram todas as famílias do assentamento. Assim estabelecemos os primeiros contatos com as famílias, levamos nossas propostas tecnológicas e coletamos com os assentados algumas informações que julgávamos importantes para o desenvolvimento dos trabalhos, tais como: nome, idade, grau de escolaridade, local de origem, experiência profissional, amizades, sonhos, lideranças, sistemas produtivos e tecnologias apropriadas existentes.

Em aproximadamente um ano constatamos que as nossas propostas técnicas não se adequavam aos interesses dos agricultores assentados. Este fato abalou nossas convicções acerca da adaptabilidade

generalizada de nossas experiências acumuladas, pois os agricultores expressavam as mesmas justificativas apresentadas pelos camponeses da experiência anterior (ASSESSORIA A FAMÍLIAS). O que nos motivou a continuar este processo técnico-educativo foi o fato de acreditarmos na possibilidade de criar, em conjunto com os agricultores, alternativas tecnológicas que melhorassem as precárias condições daquela população assentada.

2ª. ETAPA:

(1988)

Motivar para Elaboração do Retrato da Comunidade

Durante a etapa anterior foi confirmada nossa hipótese sobre a necessidade de motivarmos a comunidade para a realização do diagnóstico. O curioso é que a maioria dos agricultores continuava sem entender nossa proposta de trabalho ou era indiferente ao que propúnhamos. Será que eles não estavam compreendendo ou éramos nós que não entendíamos suas maneiras indiretas de expressar que nossas "boas

intenções" não se adequavam às suas necessidades e interesses? O fato é que continuamos o processo e, para conscientizá-los sobre a necessidade de se conhecerem para, a partir daí tomarem decisões mais acertadas, desenvolvemos uma dinâmica que foi aplicada em grupos de famílias vizinhas. Essa dinâmica consistia na construção coletiva de painéis com recortes de revistas. Desta maneira, cada família resgatou os momentos da luta para a conquista da terra que julgou serem os mais significativos.

Foi muito interessante para os técnicos o rico processo de socialização de experiências que ocorreu (gravamos todos os depoimentos). Para deixar bem claro os objetivos do Patac e divulgar nossa especificidade técnica, (pois a maioria dos agricultores desta comunidade ainda não nos identificava como técnicos-educadores), apresentamos um audiovisual que tratava de diversos problemas ligados à conservação de



PARTICIPANTES DO "ENCONTRO DOS PAINÉIS" PARA RESGATE DO PROCESSO DE LUTA PELA TERRA.

solo. Muitos desses problemas existiam no assentamento e, ao apresentarmos os slides, fazíamos um aprofundamento e colocávamos nossas propostas técnicas de conservação e fertilização do solo.

Elaboramos também uma edição do Jornal "Noticias da Gente", que continha reflexões de todo o processo vivido pelo grupo até aquele momento, explicitando a necessidade de se desenvolver um diagnóstico da realidade e seus possíveis rumos (**vide anexo II**). Para nossa surpresa, mesmo com a utilização dessas dinâmicas, a maioria dos agricultores continuava parecendo não entender nossa proposta de trabalho. Nesta altura dos acontecimentos, já nos interrogávamos sobre a importância da realização do diagnóstico para aquele grupo. Certamente este conhecimento prévio da realidade era muito mais uma necessidade sentida pelo Patac, do que um desejo daquela comunidade. Estávamos confusos, com a sensação de que andamos com a "carroça na frente dos bois", enfim, na dúvida, avaliamos que, ao realizar o diagnóstico, a comunidade acabaria compreendendo sua importância.

3ª ETAPA:

Elaboração do Retrato da Comunidade (1989 até o 1º semestre de 1990)

Na tentativa de envolver o maior número possível de pessoas na realização do diagnóstico, foi organizado com o apoio da diretoria da associação do assentamento, um grande encontro na comunidade.

Neste encontro foram formados grupos de pesquisa com os seguintes temas: saúde, criação, agricultura, comunicação, educação e organização. A equipe do Patac também se dividiu para realizar o acompanhamento. Utilizamos técnicas de dinâmica de grupo para delimitar o que pesquisar, a fim de facilitar o levantamento e a sistematização dos dados. Recorremos a jogos de tabuleiro; construção da realidade com objetos simbólicos; levantamento de dados com auxílio de cartazes e questionários; mural de fotografias e teatralizações.

Naquele período, a equipe de campo do Patac era composta pelos educadores Carlos Alberto Apolinário e Iracy Guimarães; pela veterinária Marilene Nascimento Melo e por mim, Antonio Carlos Pires de Mello (Tonico), agrônomo. Durante o ano de 1989, essa equipe passava normalmente três dias por semana no assentamento. Devido à minha formação profissional, fiquei com a responsabilidade de acompanhar o grupo de agricultura. Integravam esse grupo quatro agricultores, que pareciam não compreender a sua finalidade, apesar das inúmeras explicações ditas e repetidas. Acho que seria interessante relatar a experiência vivida pelo grupo de agricultura durante o levantamento dos dados do diagnóstico, porque ilustra bem o que aconteceu nesta etapa com os demais grupos.

O coordenador do grupo de agricultura chamava-se José de Lima ("Zebrinha"), tinha 35 anos e morava na parcela de terra dos pais. Na família desse

agricultor encontramos três importantes lideranças da comunidade: Raimunda, sua mãe; Zefinha e Maria, suas irmãs. Todas se destacaram na luta pela conquista da terra. "Zebrinha" tinha grande interesse em organizar um grupo de capoeira na comunidade. Chegamos a fazer uma viagem à cidade de Boqueirão, com diversos jovens, onde assistimos na escola "Novo Quilombo" um batizado de capoeiristas. Se não me falha a memória, depois desta atividade, o Patac deixou de apoiar este grupo em formação, pois estávamos com todas as nossas preocupações voltadas para a realização do diagnóstico participativo.

Naquela época, Zebrinha estava trabalhando na construção de sua casa. Numa das visitas da equipe de campo ao assentamento, fui até à sua propriedade. Ao me aproximar, observei que Zebrinha estava pregando uns pedaços de plástico e de papelão. Constatei o grande esforço físico e criativo aplicado naquela construção, que somente me lembrava uma casa porque era coberta com telhas de barro cozido. Pois, todos os outros materiais da construção foram retirados da mata: varas de pereiro, cipós, ripas de mandacaru etc. A primeira imagem que me veio quando olhei para aquela construção foram os desenhos da casa de "Robson Crusóé".

José Constâncio e Balbina também integravam este grupo. Formavam um casal de aposentados, que participaram do movimento

pela conquista da terra motivados pela necessidade e pelo desejo de voltar a viver como agricultores. Passavam o período seco em Campina Grande, (onde possuíam uma casa no bairro do Pedregal) e o período do inverno no assentamento. Apesar das difíceis condições de vida e de trabalho, principalmente para quem possui idade avançada, constatamos neste casal de agricultores uma sólida experiência e muita criatividade. Chamava a atenção o excelente aproveitamento do espaço agricultável, com consórcio de diversas culturas e a aplicação de práticas simples de conservação e fertilização do solo.

Finalmente, o último participante do grupo chamava-se Juvino, de 70 anos, que apesar de possuir um lote no assentamento, não havia construído sua casa. Durante o período que permanecia na fazenda, hospedava-se na casa de José Constâncio e Balbina. Também era aposentado, sendo o único do grupo que sabia ler e escrever. Segundo me contou sua filha Terezinha, que estudava na Escola Técnica Redentorista, (localizada ao lado da sede do Patac), a maior alegria da vida de Juvino era trabalhar no seu roçado.

Um exemplo da atuação do Patac

Estávamos no final do período seco. A equipe de campo, combinou que se encontraria no Patac às 7h30. Desejávamos chegar em Paus Brancos por volta das 8h30, pois

todos os técnicos de campo tinham reuniões marcadas no período da manhã com os grupos que acompanhavam. Com a demora de Carlos, que precisou deixar o filho na escola, e depois porque passamos na feira central de Campina Grande para encher o butijão de gás, somente conseguimos chegar na fazenda às 10 h.

Logo ao chegarmos na casa da comunidade, enquanto Marilene e Tracy arrumavam as bagagens, Carlos foi chamar Zebrinha, uma agricultora que nos ajudava na cozinha e eu fui encher os galões de água no poço artesianos. Depois de toda essa correria, todos estávamos cansados e chateados por termos perdido as reuniões. Após o almoço deu a maior preguiça, mas mesmo assim, dirigi-me para a casa de "Zebrinha" para me informar sobre os resultados da reunião.

Apesar de "Zebrinha" estar trabalhando na construção da casa, quando percebeu minha presença parou o serviço. Como era de costume, demonstrou muita alegria, foi logo me apresentando sua companheira e contando todos os seus planos para a nova casa. No meio da conversa, percebi que nem ele, nem os outros membros do grupo haviam se lembrado da reunião. Ao nos despedirmos, combinamos de nos encontrar à tardinha na casa de José Constâncio, para definirmos a maneira como pretendíamos desenvolver a pesquisa.

Cheguei na casa de Constâncio às 17 h. Pouco depois da minha chegada, foi servido o jantar. Fiquei meio sem jeito, mas acabei aceitando o convite: comi feijão com furinha, um pedaço de rapadura

e tomei uma xícara de café. Logo após o jantar, Zebrinha chegou. Fiquei um pouco preocupado com a hora, pois sabia que eles dormiam cedo. Ao perguntar o que eles haviam pensado sobre o que e como pesquisar **percebi a apatia de todos frente a essa temática.** Ao ver que eles mudavam de assunto toda vez que eu falava na pesquisa, fiquei preocupado e **me esforcei bastante para justificar a importância de se conhecer mais, para decidir melhor.** Estava ficando tarde, tomei a iniciativa e sugeri que iniciássemos o diagnóstico da agricultura fazendo reuniões com grupos de agricultores vizinhos. Acertamos de começar o levantamento dos dados reunindo os vizinhos de Raimunda em sua casa.

Na busca de uma forma de registro que se adaptasse ao fato da maioria dos agricultores assentados serem analfabetos, convidamos para esse encontro o desenhista do Patac, que colocou em vários cartazes perguntas e diversas possíveis respostas, por escrito e com desenhos orientados pelos agricultores. Durante esse encontro houve muito debate sobre as questões levantadas e uma boa participação dos agricultores na orientação do que deveria ser desenhado. Para a minha surpresa, no final do encontro, quando perguntamos onde seria realizada a próxima reunião, Constâncio foi logo comunicando, com muita firmeza, que não poderia participar das reuniões, pois o inverno estava iniciando e todo o seu tempo estava ocupado com o plantio. Os demais participantes do grupo disseram que a situação deles era a mesma. Fiquei um pouco atordado com aquela forte reação. Como iríamos conseguir terminar aquela pesquisa? **Sai da casa de**

Raimunda bastante desanimado, com uma forte sensação de fracasso.

À noite, depois do jantar, a equipe de campo se reuniu e aproveitei a oportunidade para colocar o ocorrido. Depois de muita discussão, concluímos que poderíamos sugerir aos agricultores que aproveitassem os encontros naturais da comunidade (mutirão do roçado, assembléias da associação, novenas etc) para continuar o levantamento dos dados.

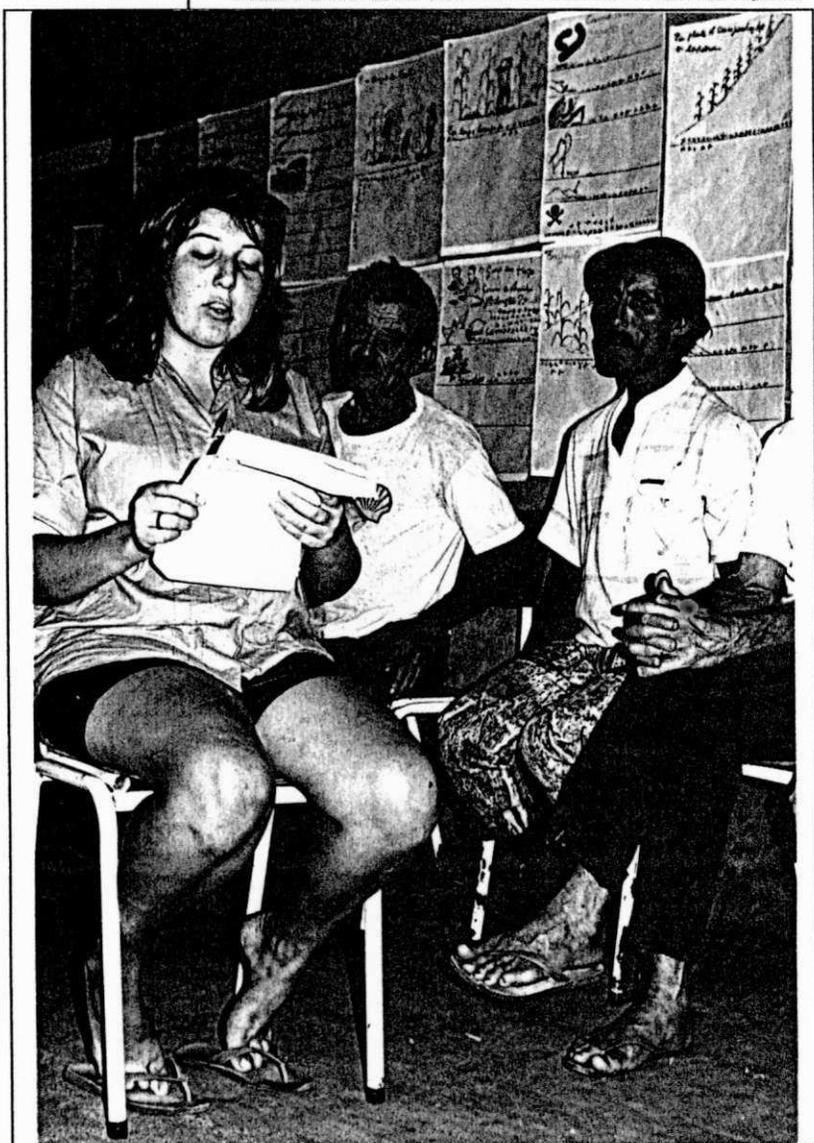
Passei pela casa de "Zebrinha" e José Constâncio que, **sem muito entusiasmo acataram a sugestão.** Acertamos que os cartazes ficariam na casa de Constâncio por ser mais central. No entanto, eles nunca tomaram a iniciativa de levar os cartazes para os mutirões ou para as assembléias. Esses apenas eram utilizados quando a equipe do Patac ia buscá-los.

Acabou o inverno e como não poderia ser diferente, o levantamento não tinha terminado. "Zebrinha" precisou deixar o assentamento: foi para Recife-PE procurar trabalho, pois a produção do seu roçado não foi suficiente para sustentá-lo até o próximo inverno. Após a colheita voltamos a reunir os agricultores em grupos por vizinhança e utilizamos um jogo de tabuleiro, onde as perguntas da pesquisa surgiam no decorrer do jogo. Desta forma concluímos o levantamento após

entrevistarmos todos os agricultores.

Ao constatar que não estávamos fazendo as ligações necessárias entre o processo de construção do diagnóstico e o atendimento às suas necessidades, passamos a responder algumas demandas imediatas, tais como: atendimento médico-veterinário; confecção de defensivos naturais para controle de pragas; orientações para o melhor funcionamento da diretoria da associação etc.

Para concluir esta etapa, foi realizado um encontro onde os grupos repassaram para a comunidade o resultado do levantamento. A maneira como fo-



PARA CONCLUIR O "RETRATO DA COMUNIDADE" FIZEMOS UM ENCONTRO ONDE OS GRUPOS APRESENTARAM OS RESULTADOS DOS LEVANTAMENTOS.

ram apresentados os dados foi a mais criativa possível. Os grupos de saúde, criação e agricultura recorreram a dramatizações. O grupo de educação simulou um programa de rádio e o grupo de organização fez um cordel (vide anexos III e IV). De posse desses dados, o Patac elaborou uma cartilha com os resultados da pesquisa e distribuiu com todos os membros da comunidade (vide anexo V).

Feito isso, a equipe técnica do Patac passou a se reunir periodicamente com o objetivo de elaborar o **DIAGNÓSTICO TÉCNICO** (outro "bicho-papão") da comunidade de Paus Brancos. Para a confecção desse diagnóstico recorremos aos dados levantados pelos agricultores, às anotações dos cadernos de campo da equipe técnica e a um referencial teórico indicado pela documentalista do Patac²². Lemos e discutimos os seguintes livros²³: "A Modernização Dolorosa", de José Graziano da Silva; "A Morada da Vida", de Alásia de Heredia; "As Bases Científicas da Agricultura Alternativa, de Miguel A. Altieri e ainda diversos artigos de revistas especializadas, bem como textos avulsos sobre agricultura alternativa.

²² Na época, Kátia Karan Torales.

²³ GRAZIANO DA SILVA, José. A Modernização Dolorosa. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

ALTIERI, Miguel A. . Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro. PTA/FASE, 1989.

4ª. e 5ª. ETAPAS:

Projeção da Comunidade Desejada e Plano de Ação

(2º Semestre de 1990)

Foram organizadas comissões, que realizaram vários encontros na comunidade de Paus Brancos para fazer o plano de ação. No final, foi enorme o número de deliberações que acabaram como "letra morta" nos cartazes, pois não conseguimos adequar aquelas propostas às reais possibilidades daquela comunidade.

Não podemos deixar de reconhecer que surgiram algumas iniciativas bem sucedidas, que infelizmente não tiveram continuidade. São alguns exemplos dessas iniciativas: o fundo rotativo de cabras e ovelhas; a oficina comunitária do grupo de apicultura; a farmácia de plantas medicinais; o fundo rotativo dos cultivadores; os mutirões entre vizinhos para construção de casas e barreiros; o banco de ferramentas; o projeto de limpeza dos açudes etc. Tudo isso foi resultado do "diagnóstico participativo", desenvolvido pela comunidade com o apoio do Patac.

Todas essas atividades comunitárias trouxeram algum tipo de ajuda para aqueles que participaram. Para alguns, benefícios econômicos, como foi o caso de quatro apicultores que obtiveram um total de 142 litros de mel. Outros conseguiram uma cabra, um cultivador etc. Existem casos em que essa ajuda foi realmente significativa, mas de modo geral, foi relativamente pequena. Avaliamos que tais benefícios não conseguiram

elevar substancialmente as condições de vida dos camponeses que continuaram inseridos num processo de empobrecimento crescente. Sempre nos acompanhou a sensação de que essa proposta metodológica não batia com os interesses dos agricultores. No final do levantamento, estávamos todos exaustos e, em alguns casos com as relações desgastadas.

Para concluir o resgate dessa experiência de difusão, gostaria de perguntar: o que aprendemos com essa experiência? Quais os impactos deste trabalho na comunidade e no Patac? Será que os técnicos do Patac se perderam ao colocarem um grande peso no levantamento dos dados em detrimento do processo educativo? Em que conseguimos avançar em relação à experiência de Assessoria a Famílias? Quais os erros que repetimos? Que novos desafios surgiram?

1. Informação de Método

Para recuperar os objetivos e os resultados deste trabalho, li os relatórios semestrais e os planejamentos da instituição no período entre 1988 à 1993. Depois de sistematizar os objetivos propostos e os resultados alcançados, elaborei minhas reflexões e as apresentei a três colegas da equipe do Patac, que também vivenciaram essa experiência e a três agricultores do Assentamento da Fazenda Paus Brancos. Tive o cuidado de escolher pessoas que fossem boas narradoras, que exercessem liderança na comunidade e que merecessem consideração da instituição Patac. Nas entrevistas, optei por expressar minhas opiniões como forma de introduzir meus entrevistados na problemática que desejava analisar. Posteriormente, ao redigir esta dissertação organizei os depoimentos segundo algumas questões que desejava aprofundar, expondo as opiniões expressas por mim (que os provocaram) e ainda me posicionando ora antes, ora após os entrevistados. Gravei e transcrevi as entrevistas e a partir daí sistematizei as respostas. Foram entrevistados, no período de 4 a 12 de julho de 1994:

Marilene Nascimento Melo, veterinária e responsável pela difusão na área de criação animal (atual coordenadora geral do Patac) ;

"Irmão Urbano" (Theodorus Augustinus Doderliin de Win), coordenador geral do Patac no período e atual assessor da coordenação e da equipe de difusão e pesquisa do Patac;

Iracy Guimarães Soares, educadora do Patac. Atualmente responsável pela assessoria a grupos populares na área de saúde (fitoterapia);

Arlete da Silva, agricultora do Assentamento da Fazenda Paus Brancos;

Josefa Maria de Lima (Zefinha), agricultora e agente de saúde do Assentamento da Fazenda Paus Brancos;

Abel da Silva, agricultor do Assentamento da Fazenda Paus Brancos.

Não tive a intenção de obter representatividade estatística ao realizar as entrevistas, mas sim o confronto de interpretações entre técnicos/educadores da instituição, autores acadêmicos e intelectuais populares.

2. A Avaliação

EXPERIÊNCIA /COMPETÊNCIA

"Situado na parte centro-sul da Paraíba, o Cariri representa uma vasta porção do território do Estado - cerca de 25%. Ocupando aproximadamente 15.500 km², ele conta com uma população de apenas 290.000 habitantes, com forte predominância da população rural (72,6%) e numa densidade particularmente fraca: menos de 19 hab/km² (média do Estado 49 hab/km²). (IBGE, 1980. Censo Demográfico)

"A região do Cariri Paraibano é a mais seca do Brasil, o clima regional caracteriza-se por elevadas temperaturas (médias anuais em torno de 25°C), fracas amplitudes térmicas anuais, chuvas escassas, muito concentradas no tempo e irregulares, o que provoca fortes déficits hídricos".

"A vegetação é constituída pela caatinga, a mais xerófila. Ela se apresenta geralmente com fisionomia de estepe arbustiva, deixando aparecer durante a estiagem um solo geralmente desnudo - sem recobrimento herbáceo e, portanto, não

passível de incorporar matéria orgânica. Não são raros os trechos pedregosos, juncados de seixos, onde a erosão em lençol é acentuada".

"A estrutura fundiária da região é bastante concentrada. A ocupação revela a predominância do latifúndio, onde se pratica principalmente a pecuária hiper-extensiva".²⁴

O Patac tinha pouca experiência com a realidade do Cariri Paraibano: isso impediu uma ação mais eficaz na difusão de "tecnologias socialmente apropriadas" para a comunidade do Assentamento da Fazenda Paus Brancos.

"Acho que sim, apesar do Patac já ter trabalhado em outras regiões localizadas no semi-árido (como foi o caso do município de Barra de Santa Rosa, localizado no Curimataú). Mesmo assim, a



gente se depara com questões que não tinham resposta.

Um exemplo bem interessante, que na minha opinião colocou o Patac "contra a parede", foi a questão do desmatamento, que apareceu e que a princípio era o próprio estatuto do assentamento que garantia a preservação da mata, segundo alguns critérios, e a associação não conseguiu le-

²⁴ G.DUQUÉ. Estrutura Fundiária e Pequena Produção: um estudo de caso no Cariri Paraibano, p. 170.

var isso adiante nem tampouco o Patac apresentou propostas que pudessem tocar isso de forma mais eficiente e mais racional. O que a gente conseguiu fazer foi pouco: foi somente resgatar algumas experiências (se tinham ou não de cortar tal árvore) e ajudar um pouco a comunidade a refletir sobre a importância da mata. Se nós tivéssemos naquela época propostas de agrosilvicultura ou de manejo da caatinga para alimentação de caprinos, alguma coisa assim, poderíamos ter ajudado a comunidade na solução desse problema". (Marilene)

"Dificultou um pouquinho. Agora, talvez o que mais dificultou foi que nós nunca havíamos trabalhado com agricultores, assim mais diretamente, e isso talvez dificultou mais do que a situação da terra do Cariri..."
(Irmão Urbano)

De fato, é importante considerar que este foi o primeiro acompanhamento feito pela equipe de campo do Patac a um assentamento rural. Porém, a falta de experiência com os camponeses numa relação direta e mais ampla não justifica a continuidade do processo do diagnóstico, segundo as etapas planejadas, tendo em vista que os agricultores expressaram desinteresse desde o início. É preciso levar em conta também que se tratava da primeira atuação profissional dos técnicos de formação específica em agronomia e veterinária, numa entidade voltada para difusão de

tecnologia apropriada aos camponeses. Teriam estes fatores restringido a autonomia da equipe de campo e impedido que ela compreendesse os limites da proposta e redirecionasse a ação do Patac?

A seleção dos agricultores que participaram da pesquisa é um outro fator que demonstra a inexperiência da equipe do Patac: a maior parte dos camponeses assentados em Paus Brancos não conhecia profundamente as características do Cariri e, portanto, não poderia resgatá-las no processo do diagnóstico.

O problema da seca contribuiu muito, porque as pessoas que foram para Paus Brancos não agüentaram a situação e foram embora. Porque eram pessoas que nasceram no Brejo, no Agreste, que nunca enfrentaram uma seca violenta como a seca do Cariri". (Iracy)

Os agricultores que chegaram no Assentamento da Fazenda Paus Brancos eram originários de distintas regiões do Estado da Paraíba (Cariri, Agreste e Brejo), possuindo diferentes experiências em agricultura e criação. Dentre os camponeses encontramos o casal José Constâncio e Balbina (citados na apresentação deste capítulo), - sem dúvida "agricultores de vocação" e com experiência. Apesar de possuírem idade avançada e os mesmos recursos que os demais agricultores deste assentamento, obtinham uma maior produtividade com os resultados das suas lavouras. Contudo, encontramos também na comunidade agricultores como "Zebrinha", com pouca experiência e talvez com pouca vocação para

atividades dessa natureza. Ele faz parte de uma parcela de agricultores que provavelmente se interessaram por um pedaço de terra como alternativa para garantir a própria sobrevivência, depois de haver tentado conseguir trabalho nas cidades próximas e até mesmo nas grandes cidades, como Recife - PE.

Portanto, podemos concluir que o simples fato dos agricultores estarem na terra não significa que eles estavam preparados para identificar o que precisariam fazer a fim de iniciar suas vidas como produtores rurais. Pois, mesmo os agricultores experientes tinham como desafio as características do Cariri Paraibano".

Paus Brancos foi um laboratório de experiências tanto para os agricultores, como para os técnicos. O processo de adaptação dos agricultores à região foi muito rico. Eles, por exemplo, passaram do plantio em leirões para o plantio direto no chão (em covas) e fizeram modificações no manejo das criações.

Apesar de todas as dificuldades, o levantamento dos dados e o conhecimento expresso pelos agricultores revelaram maneiras de combater a erosão, conservar a umidade do solo, controlar pragas, conservar sementes, preparar o solo para o plantio, aproveitar a flora medicinal, utilizar as plantas da mata para alimentar animais, solucionar mágoas durante as novenas etc. Segundo a avaliação da instituição naquela época, estas descobertas revelam em si que várias das técnicas que propúnhamos já estavam presentes, de uma maneira ou de outra, no meio desta população, já

fazendo parte de sua cultura. É verdade que o grau destes conhecimentos e práticas não é generalizado e precisa ser elaborado. Pode-se dizer que o embrião, uma vaga percepção das técnicas, vive entre eles e pode ser o ponto de partida para o seu desenvolvimento mais sistemático.

A partir do exposto podemos indagar: a explicação para os fracos resultados obtidos com a ação do Patac não estaria no desconhecimento sobre a vocação da região, na incompreensão da proposta participativa de conhecimento de realidade (incluindo o resgate da experiência acumulada pelos antigos agricultores) e ainda no pouco empenho em aprender com os conhecimentos acumulados pela pesquisa científica?

Os fundos rotativos²⁵ de pequenos animais e dos cultivadores puxados à tração animal não proporcionaram o impacto esperado, pois foram mal dimensionados, devido à inexperiência do Patac com projetos produtivos dessa natureza.

"Por exemplo, o fundo rotativo dos caprinos é algo que aconteceu e ainda está acontecendo, mas não numa escala que permitisse aumentar a renda das famílias. O que a gente conseguiu foi dar condições de cada família ter acesso a um animal e ainda

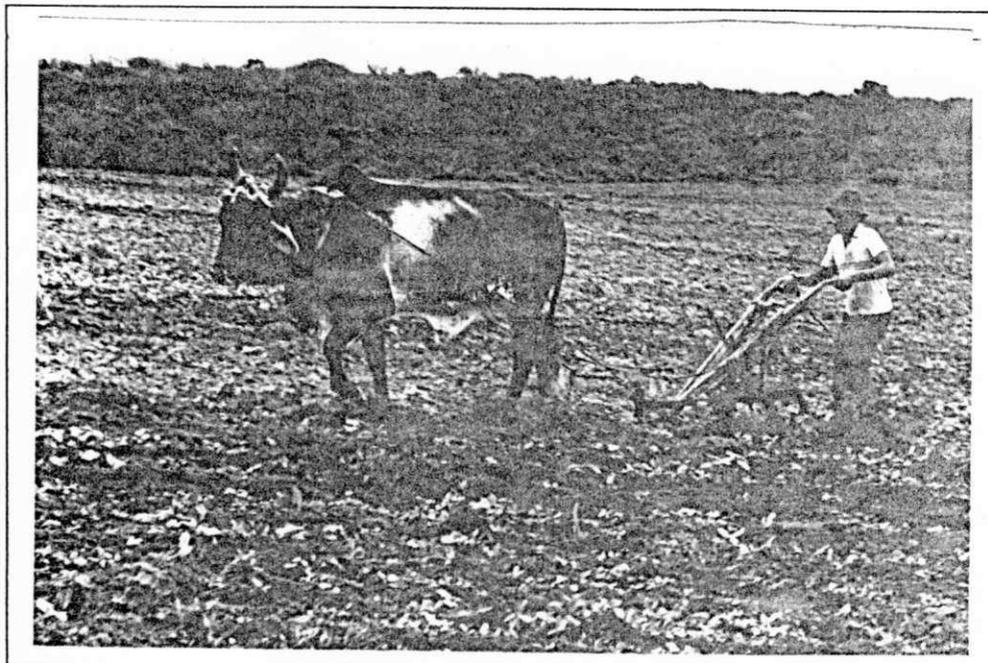
²⁵ O objetivo de um fundo rotativo é refinanciar uma atividade, a partir do pagamento (de forma parcelada) do que foi recebido como empréstimo por quem foi beneficiado. À medida que vai sendo paga pelos beneficiados cada parcela do empréstimo, garante-se que outras pessoas tenham acesso ao mesmo benefício.

continua acontecendo. Se tivéssemos bem claro que o objetivo seria aumentar a renda, e que para isso o fundo rotativo precisaria não só dar acesso a um, mas a pelo menos três ani-

mais e, além disso, melhorar um pouco as técnicas de criação para aumentar a produtividade, eu acho que, de fato, a gente teria dado uma melhor contribuição".

(Marilene)

"A informação que eu tive é que só quem tem dessa criação do projeto é Dôra. A maioria diz que morreu, roubaram e venderam. Fundo rotativo é bom e é bonito, mas a maioria não tem responsabilidade, não assume, entendeu? A coisa não foi para frente, não caminhou no meu caso, porque o meu vizinho plantou e a minha cabrita soltou-se e foi para o lote dele e ele atirou. E aí fica aquela coisa, tive que me desfazer... Para se criar é preciso ter um cercado, uma área só de criação. Ainda hoje se eu tivesse condição eu fazia um cercado de criação de cabras e soltava aí à vontade, porque assim é que é certo de se criar". (Arlete)



"O FUNDO ROTATIVO DOS CULTIVADORES PUXADOS À TRAÇÃO ANIMAL NÃO PROPORCIONOU O IMPACTO ESPERADO".

Os depoimentos apontam a necessidade de uma avaliação profunda do Patac quanto à sustentabilidade dos projetos que desenvolve junto aos agricultores. Ao se planejar atividades do tipo *fundo rotativo de criação*, é preciso considerar não só o acesso aos animais, mas também outros fatores importantes para o sucesso da atividade, como instalações e orientação técnica. É preciso refletir também que muitas vezes nos iludimos, achando que é fundamental iniciar novas atividades, não observando que em muitos casos seria mais eficaz apoiar o que já vem sendo feito de forma precária, pelos próprios agricultores, tanto no aspecto da produção como no da comercialização. Além de ver o que já existe, precisamos estar atentos para as potencialidades da região.

"Inventar técnicas, quer dizer, encontrar maneiras de simplificar as técnicas para os camponeses, é muito fácil. Só uma técnica nós [o Patac] não estamos ainda dominando, que é justamente a técnica de como levar aquilo para o camponês". (Ir. Urbano)

Acreditar que o Patac já havia acumulado experiências suficientes na área de tecnologia apropriada, pode ter prejudicado a troca de conhecimentos entre o técnico e o agricultor. Parece-me que, ao contrário, estar consciente de que não existem fórmulas acabadas e que a tecnologia torna-se apropriada quando o camponês atua também como pesquisador, favorece mais o diálogo entre o técnico e o camponês.

Os resultados práticos inexpressivos obtidos durante os três anos que durou o acompanhamento do Patac na Comunidade de Paus Brancos desgastou a proposta metodológica adotada.

"Eu acho que sim, apesar de que eu continuo achando que o Patac ainda tem uma credibilidade na comunidade com algumas pessoas, muito mais pelo apoio generalizado que o Patac sempre deu às pessoas, ao assentamento, do que propriamente por ter prestado tal assessoria - como o fato do Patac ter estado presente desde o início da luta deles e depois ter continuado. Depois, ajudou eles de diversas formas. Por causa disso o Patac ainda tem credibilidade". (Marilene)

A maneira como foi conduzido o "diagnóstico participativo" não apenas revelou a fragilidade das propostas técnicas e do processo educativo promovido pelo Patac, mas sobretudo a dificuldade dos técnicos desta instituição na reorientação de sua ação. Quanto à credibilidade que o Patac conquistou junto a esse grupo de camponeses assentados - devido ao

fato de ter apoiado o processo de luta para a conquista das terras do assentamento - poderíamos questionar: será que o Patac se acomodou com esta credibilidade e, por esse motivo, deixou de dar contribuições mais conseqüentes dentro da sua área de especialidade?

RECURSOS NECESSÁRIOS PARA VIABILIZAR A PRODUÇÃO FAMILIAR

"Meu sonho quando eu vim para cá foi de trabalhar na agricultura e criar todos os tipos de bichos: galinhas, porcos e possuir uma vaca de cria para ter leite para dar aos meus filhos... Mas até aqui eu não tive condições de criar. Não tive condições nenhuma de cercar, de comprar um bicho que tivesse futuro... Aqueles que cercaram é porque já veio com suas condições, já trouxe essas condições..." (Arlete)

Sem o apoio financeiro necessário para dar suporte às propostas técnicas difundidas pelo Patac, muito pouco pode ser feito, exemplos: manejo ecológico da mata para alimentação animal; organização de fundos rotativos de criações e de instrumentos agrícolas, e construção de depósitos d'água.

"Quando se trata da construção de cisternas ou da cavação de barreiros e os agricultores necessitam comprar materiais ou ferramentas, é claro que eles não têm os meios financeiros para custear, agora quando se trata só de mão-de-obra e a coisa é feita depois da colheita, de maneira que todo mundo ainda tem para comer, aí já seria mais possível, é uma questão de organização do próprio povo". (Ir. Urbano)

Pela experiência anterior (ASSESSORIA A FAMÍLIAS) comprovamos que quando o esforço para implantar uma técnica requer apenas a mão-de-obra do camponês, isso não significa que a sua implantação é mais viável ou automática. É preciso levar em conta as condições de trabalho do camponês (organização do trabalho na família, recursos disponíveis) e as estratégias de sobrevivência existentes, pois o fato do agricultor se dedicar a uma determinada atividade implicará na sua ausência de outras, o que pode comprometer a sua sobrevivência.

Um apoio financeiro não pode gerar dependência, desviar o agricultor dos seus interesses e necessidades, desvalorizar a sua experiência e a sua avaliação sobre o que realmente precisa. Sendo assim, o processo de "consulta/confronto" entre camponeses e técnicos é um caminho que se coloca como mais eficiente e efetivo, do ponto de vista técnico-educativo.

"Por mais simples que possa ser, uma tecnologia requer um custo inicial de implantação. E eu me lembro bem quando a gente começou a difundir, melhor dizendo, a tentar sensibilizar algumas pessoas que criavam cabras para o manejo da caatinga. Houve interesse de pelo menos duas agricultoras para fazer isso. Só precisava de um mínimo de recursos para fazer as cercas de quatro fios, essa coisa toda e elas colocaram isso e o Patac achou que 'no momento não era interessante custear' e a coisa acabou não acontecendo.

Agora, é o seguinte: da mesma forma que a gente não via que era importante que o Patac tivesse recursos para financiar a implantação de determinadas tecnologias, também colocava em segundo plano oferecer uma assessoria que possibilitasse aos agricultores ter acesso aos recursos governamentais. Naquela época, o Patac também ficava muito receoso dos recursos governamentais não saírem... Também o Patac não tinha, como até hoje continua não tendo um maior conhecimento das políticas agrícolas que beneficiam tal coisa, o que é um furo".
(Marilene)

Certamente o apoio financeiro é indispensável para garantir a viabilidade de uma proposta técnica. Além dele é preciso considerar outros aspectos na implantação de uma determinada atividade, como: o impacto ambiental, a vocação da região, a experiência acumulada pelos camponeses, o acompanhamento técnico necessário, o mercado, etc.

É preciso também considerar que em alguns casos o suporte financeiro pode ser encarado pelos camponeses como salário ou contrapartida pelo trabalho. Se isto ocorre, por exemplo, numa proposta técnica que visa a auto-sustentação, quando cessa o apoio material, o camponês não avança na sua autonomia, nem na compreensão da importância social da produção familiar e por isso não se mobilizará para exigir as políticas públicas necessárias à viabilização das suas atividades.

"Supomos que a perspectiva que considera o pequeno produtor rural como carente falseia a realidade, quando não considera e por isso mesmo nega:

- a. a produção e transformação coletiva da sociedade. Na perspectiva de carentes se falseia e se nega uma dimensão fundamental dos pequenos produtores: de membro importante do trabalho coletivo, ele é reduzido a indivíduo carente;
- b. a contribuição do pequeno produtor para a construção da sociedade e a importância social daí decorrente. Qual o destino da produção do pequeno produtor rural? A quanta gente se destina? Que parte representa na produção nacional? Qual a utilização econômica, política e ideológica na sociedade com relação a outras categorias e classes sociais? Todas essas são dimensões para as quais a perspectiva de carentes não dá lugar. Ao negá-las, nega-se na prática, ao pequeno produtor, à exigência de fazer valer sua contribuição e importância social. Produz-se ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma prática de gratidão à ajuda recebida (...)"²⁶

O CULTO AO PEQUENO

Suponho que, os agricultores mesmo aplicando todas as propostas técnicas que o Patac difunde, não teriam mais que uma pobreza digna. Por que este culto ao pequeno? Por que o Patac investe em atividades que proporcionam resultados tão pequenos? O que move o Patac a agir assim? O Patac é realmente muito tímido na elaboração de propostas que, de fato, melhorem significativamente as condições de vida e trabalho dos pequenos produtores rurais.

"Também são bastante insignificantes os resultados obtidos com os grandes investimentos feitos pelo governo para beneficiar grandes proprietários de terra... O Nordeste é muito problemático, veja bem: podemos dizer que em três anos de seca os agricultores perderam quase tudo que conseguiram nos anos passados. Então é quase como remar contra a correnteza... Agora, se tivéssemos um grande capital investido e uma organização que oferecesse o suporte necessário... Eu acho que poderia ter um maior impacto, apesar de que muitas vezes isso também é aparente, porque quando certos financiamentos param, esses projetos às vezes também vão por água abaixo". (Ir. Urbano)

"Não dispomos de um modelo de sociedade a ser realizado, não temos experiência do que seria um outro tipo de vida social. Brigamos para criá-lo e

²⁶ I. C. SALES, Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores, p. 32 - 33.

essa briga é um movimento cuja força política nada tem de espontânea.

Do meu ponto de vista, trata-se de pensar e construir, coletivamente, um novo projeto de sociedade começando a criar, desde agora, alternativas concretas de vida social. (...) Podemos mencionar algumas iniciativas no campo de creches comunitárias, grupos de teatro, associações de bairro, cursos profissionais, compras comunitárias, experiências de produção associada, CEB'S, organizações diversas (de mulheres, de lavadeiras, de operários, de agricultores, de saúde, de esporte e lazer etc) e tantas outras atividades.

Criar alternativas concretas de vida social não é, porém, um processo de iniciativas atomizadas, cada uma fechada em si mesma. Isoladas umas das outras, elas tendem a se enfraquecer e a se diluir. Daí a importância de incentivar laços novos, horizontais e diversificados entre os vários tipos de atividades e movimentos, criando algo como redes diversas de articulação, isto é, cooperação, apoio mútuo, participação conjunta, conhecimento recíproco, sempre dentro da realidade de cada momento e lugar.

Para nada disso há fórmulas e objetivos pré-determinados. Impõe-se, portanto, um contínuo esforço de elucidação: até que ponto tais iniciativas e articulações estão simplesmente reproduzindo as regras do jogo capitalista, até que ponto estão encaminhando um jogo novo?"²⁷

Podemos ampliar a crítica à ineficácia dos grandes investimentos do governo para benefício dos grandes proprietários, afirmando a impossibilidade desses investimentos serem suficientes, por serem aplicados em setores como a agricultura, que pela própria natureza da atividade, requer uma menor concentração de terra, de

modo a possibilitar um melhor gerenciamento.

Por outro lado, pequenas iniciativas que buscam alternativas de sobrevivência também apresentam muitos limites. Devem ser encaradas como estratégias educativas para construir um outro tipo de vida social. "Trata-se de instituir ou re-instituir relações de igualdade, solidariedade e cooperação em todas as práticas sociais, em todas as formas de decisão e gestão da vida social" (COSTA, 1989:10). Porém, do ponto de vista político-econômico essas estratégias precisam provar sua eficiência no mercado e influenciar as políticas públicas.

"Por que quase todo o trabalho de Educação Popular, desenvolvimento de Comunidade, Assessoria Popular, Pesquisa Participante dá preferência às pequenas experiências alternativas? Por pequenas experiências entendo experiências de pouca importância econômica.

Seria, talvez, porque é aí que querem estar as agências de 'ajuda ao desenvolvimento'?

Por que tais experiências são chamadas de alternativas? Seriam alternativas à produção em grande escala? Seriam alternativas ao capitalismo? Será que é porque utilizam um método alternativo?

(...) O Banco Mundial, o Congresso Americano, o Governo Brasileiro, a Igreja e as empresas forçam a criação de experiências de produção associada como condição de sua 'ajuda'.

Os trabalhadores 'têm que se associar' para produzir, para fazer hortas comunitárias, para receber cabras e bodes, para receber sementes, etc.

São ajudas para 'coisas pequenas'. E entretêm muito o povo, fazem muita

²⁷ B.COSTA. Trabalhadores associados na produção: um modo de pensar a sua luta, p. 9-10

discussão comunitária. Falam muito em participação. Nem de longe, entretanto, se discutem questões gerais dos trabalhadores e que estão sendo discutidas pelos órgãos maiores de representação dos trabalhadores. Toma-se muita decisão sobre o que não tem importância. O mundo é do tamanho da pequena comunidade".²⁸

Marilene defende que instituições como o Patac invistam em ações de maior efetividade junto aos camponeses, expressando que esta é uma tendência entre as organizações não governamentais. Quanto ao investimento do Patac em ações de reduzido impacto, ela afirma:

"Era assim no Patac antes de Paus Brancos, isso era bem evidente... Hoje talvez sejam minoria as pessoas que pensam assim no Patac. Eu acho que as outras ONGs foram passando também por esse processo. Nos documentos atuais da Rede PTA²⁹ se propõe algo mais do que uma família viver bem, naquela sua ilhazinha. Tomando como marco Paus Brancos, já se começava naquela época a pensar diferente disso, mas talvez como essa não era uma proposta bem clara, bem definida na equipe, isso não se expressava na prática. Eu acho que criações de cabras e abelhas podem gerar

²⁸ I. C. SALES. Trabalhadores associados na produção/comercialização/distribuição e na política, p. 34 - 40

²⁹ Rede Projetos em Agricultura Alternativa: "Ampla articulação de entidades que trabalham na geração e difusão de tecnologias e métodos alternativos de produção agrícola e questões relacionadas à gestão e à comercialização, em apoio aos movimentos populares no campo, numa perspectiva agroecológica" (Termo de Referência para Avaliação da Rede PTA, versão final, Rio, maio de 1994). A Rede PTA nasceu em 1984 e é composta atualmente por 21 entidades autônomas, atuantes em 11 estados da Federação.

renda. Uma coisa é você pegar uma cabra e criar. Outra coisa é você de fato ter um projeto produtivo ampliado. O Patac não tem experiência com projetos produtivos dessa natureza, mas pode pegar propostas de outras instituições que já desenvolveram". (Marilene)

Iracy reforça a opinião de Marilene, no sentido de que o Patac, de fato, tinha uma ação muito tímida.

"Eu acho que o Patac está se abrindo mais... A gente sabe que para um agricultor ter uma fonte de renda maior ele precisa ter uma grande área cultivada e que para ele cultivar essa área ele vai precisar de máquinas para preparar a terra e beneficiar a produção - não é suficiente um cultivador puxado a tração animal.

O Patac não oferece as condições para eles crescerem. Antes era muito contra, a gente nem podia falar. Eu estou me referindo à agricultura do sul do Brasil, onde têm máquinas, eles têm tudo e nós não temos nada. Temos apenas um cultivador porque o Patac incentivou, porque antes nem isso tinha. Então, como é que um homem se desenvolve desse jeito? Eles [os agricultores] não avançam, não se desenvolvem, não progridem, a coisa é muito limitada. Eles precisam ter uma criação de no mínimo dez cabras parideiras. Com dez cabras eles começam a dar os primeiros passos... Mas para que eles tenham isso é preciso ter meios, ter um cercado



ABEL APRECIA PEQUENOS PROJETOS DE CAPRINOS.

seguro porque amarrado na corda não dá para criar. Em Paus Brancos eles têm terra, mas não têm meios necessários para fazê-la produzir." (Iracy)

Abel discorda um pouco da opinião de Iracy e junto com Zefinha demonstra apreciar pequenos projetos, explicando de que forma eles são aproveitados pelos agricultores. Contudo, as estratégias que ele e Zefinha apresentam só funcionam realmente "num ano bom", como ele mesmo afirma.

"(...) Depende das épocas, porque duas cabras vai produzir, né? Se nós estamos num ano bom, que ajuda, que nós temos nosso lucro, aqueles fabricos a gente vai juntar e aplicar em alguma coisa maior e cada dia a gente vai ficando melhor". (Abel)

"Pra mim vai ser um grande futuro ter um barreiro-trin-

cheira.³⁰ Se tem o barreiro, tem a água para dar às cabras, a gente não vai ter aquele sofrimento passando sede. Ali perto do barreiro, a gente pode fazer pra gente mesmo aquelas hortas, pra gente ter sempre as verdurinhas da gente, mesmo no tempo da seca. Pras abelhas, tem a água de beber, tem a água pra gente fazer os plantios pra ajudar as abelhas, como do girassol mesmo, como daquelas florzinhas de rama e outras flor. Quer dizer, tendo o barreiro e tendo a água, a gente tem uma grande riqueza, e aí a gente vai ter as condições de construir tudo isso: as cabras, as abelhas e muitas coisas". (Zefinha)

As opiniões dos técnicos do Patac, dos agricultores e intelectuais

³⁰ Um dos depósitos d'água difundidos pelo Patac: "para evitar a evaporação da água, provocada pelo calor do sol e pelo vento, o barreiro deve ser bem profundo e quanto mais estreito for, melhor". PATAc. A Água Nossa de Cada Dia. Campina Grande, 2ª Edição, 1994, p. 3.

acadêmicos apresentam diferentes pontos de vista sobre que tipo de projeto seria mais adequado para melhorar significativamente as condições de vida dos camponeses.

A partir da minha experiência como técnico-educador, acredito que as orientações técnicas difundidas pelo Patac não conseguem elevar substancialmente a qualidade de vida dos agricultores, pois apenas minimizam os problemas existentes, como é o caso da construção de depósitos d'água e criação de pequenos animais.

"O pequeno produtor, de modo geral, possui ou ocupa pouca terra, de qualidade inferior e localizada nas condições mais difíceis (do ponto de vista de relevo, proximidade de pontos de água, distância das vias de comunicação, etc). Tem renda nos níveis mais baixos da escala de sua região, freqüentemente abaixo do salário mínimo regional, tendendo a complementar os resultados de sua produção com assalariamento temporário de membros da família, pequeno artesanato, etc.

O pequeno produtor utiliza essencialmente a mão-de-obra familiar, a cooperação com os vizinhos em mutirões, raramente o trabalho assalariado. Cultiva com vistas a garantir em primeiro lugar a sua subsistência e a de seus dependentes, tendo o auto-consumo peso significativo na sua produção (...). Emprega principalmente o trabalho braçal, por vezes a tração animal, raramente a tratorização. Tende a ficar marginalizado do circuito de crédito bancário bem como dos sistemas de extensão rural (salvo programas especiais atingindo uma minoria)".³¹

Acredito que a aplicação de propostas técnicas não deve ser um

fim em si mesmo, mas uma estratégia para ajudar os agricultores a permanecerem na terra e irem aos poucos, através de um trabalho de base organizado, garantindo seus interesses, bem como ocupando mais espaço no mercado.

³¹Jean Marc von der WEID. Alguns Comentários sobre a Problemática da Pequena Produção Agrícola do Brasil, p.3

ORGANIZAÇÃO/ ORGANICIDADE

Os laços comunitários que se manifestaram através da luta conjunta pela posse da terra parece que pouco a pouco foram se dissolvendo, na medida que os camponeses se fixaram nos seus lotes individuais definitivos.

"Bom, é o comodismo que entra na mentalidade das pessoas, uma vez vencida a luta. Parece-me que isso acontece não só na mentalidade dos camponeses, mas também na de qualquer pessoa... A gente talvez não conseguiu, interessar, animar eles para outras conquistas, para que eles se engajassem da mesma maneira como na luta da terra".
(Ir. Urbano)

"Talvez no início, os laços comunitários que se estabeleceram através da luta... Eu acho que aí nesse momento havia uma união, todos comungavam de um mesmo interesse, então isso é que permitiu uma união momentânea. Na medida que eles se estabeleceram nas terras a organização mínima que eles conseguiram formar não conseguiu responder às necessidades que começavam a surgir no assentamento. De repente eles ficaram durante muito tempo procurando o segundo elemento de união que permitisse a eles ir construindo de fato, uma vida comunitária... Então, o fato de não ter acontecido essa organização

nesse novo momento, ficou cada um por si mesmo... Se tivesse uma nova organização que permitisse aglutinar novamente eles, não teria se ressaltado tanto o individualismo... Talvez o Patac tenha conseguido detectar os interesses comuns existentes, mas não conseguiu ser eficaz a partir do que detectou".
(Marilene)

O individualismo de que fala Marilene, parece-me que surgiu, não pela falta de organização dos assentados, mas como podemos ler nas entrelinhas do seu depoimento, pela falta de "comunhão de um mesmo interesse". Ela mesma ressalta que foi essa comunhão a responsável pela "organização mínima" que houve na conquista da terra. Logo, avalio que o individualismo ocorreu pela falta de identificação do próximo passo a ser dado, no contexto dos interesses comuns da comunidade.

Se houvesse interesses claros, a organização mínima - a meu ver - ou seria mantida ou passaria por adaptações, frente ao novo objetivo a ser alcançado, que poderia não ser o mesmo para todos. A organização então nasceria aos poucos e em conjunto com a meta estabelecida, mas não antes dela ou independente dela.

"... primeiro foi o problema da seca que contribuiu muito porque as pessoas que foram para Paus Brancos não agüentaram a situação e foram embora. Porque eram pessoas que nasceram no Brejo, no Agreste, que nunca enfrentaram uma seca violenta como a seca do Cariri, então isso

provocou um choque muito grande, que distanciou muito as pessoas... Por esse motivo, a maior parte das pessoas que participaram da luta não agüentaram a situação no Cariri e abandonaram o assentamento. Se tivessem conseguido uma terra no Agreste ou no Brejo nenhum teria deixado o assentamento". (Iracy)

Os técnicos do Patac sempre estiveram muito empenhados na realização do diagnóstico, provavelmente com a expectativa de identificar que *assessoria técnica* deveriam prestar aos camponeses. Este empenho, no entanto, não resultou na compreensão dos principais desafios com os quais se deparavam os agricultores recém assentados.

Entre esses desafios, estavam a construção de suas casas e a busca pelo alimento, seja através do trabalho na agricultura, seja criando animais, vendendo a madeira da mata, trabalhando nas grandes propriedades vizinhas ou na cidade de Campina Grande, o principal centro econômico do interior do Estado da Paraíba.

"...Antes, lá na [Fazenda] Codorna e lá na praça da Bandeira, eles pensavam uma coisa: 'nós quer ganhar a terra'. Todos diziam - 'nós somos um por todos e todos por um'. Porque lá na Codorna, quando todo mundo estava junto, esperávamos o quê? Um ataque. Aliás, nós esperava um ataque, um

ataque da polícia e do patrão. Esperávamos muita coisa ruim que podia vim e todos estava sempre ali se juntando.

Também muitos que estão aqui não veio da luta, já veio depois. Aí não entende, não conhece da luta, né? Aí vai ficando fora, vai se distanciando e a gente vai chamando para os cixos e eles vão escutando conversa daqueles outros também e não entende, aí fica meio difícil porque dos que estão aqui, que não eram da luta tem muitos poucos que entendem... É por isso que aquela união que a gente via, todo mundo junto, todo mundo cantando, todo mundo rezando... todo mundo tava ali, tudo unido, aqui tá muito distanciado, eu mesmo tô vendo muita distância.

É verdade que a gente não conseguiu se organizar para garantir a sobrevivência na terra por falta daquela união. (...) O fracasso, vou dizer com todas as letras, pra mim o maior fracasso da comunidade de Paus Brancos foi depois que foi construída essa associação. Porque depois que foi construída essa associação ficou uma divisão... Ficou aqueles, como que se diz, querendo ser os maiorais, outros ficando mais por fora... Eu acho que seria melhor se não tivesse essa associação, porque talvez aí o povo tentasse aquela mesma maneira de antigamente que a gente tinha. Tudo que a gente ia fazer, iam todos, né?"(Zefinha)

Os agricultores assentados da Fazenda Paus Brancos teriam enfraquecido a sua organização ao ampliarem o assentamento com pessoas que não vivenciaram o processo de conquista da terra e que, portanto, compreendiam menos a força da participação?

Ou será que a desmotivação se generalizou após a delegação de poder à diretoria da associação? Quando delegamos poder, corremos o risco da acomodação, na medida que esperamos que o outro atue por nós...

Não teria faltado às "lideranças da luta pela terra" um processo de capacitação frente ao novo momento vivido no assentamento, a fim de identificar os interesses comuns e

contribuir para a criação de novas formas de participação das famílias assentadas?

Organização não é agrupamento de pessoas em torno de uma instituição formalmente criada, de cima para baixo, muitas vezes com o único objetivo de captar recursos, onde apenas alguns dos seus integrantes se beneficiam. Como bem coloca Zefinha, a organização parte de um interesse comum, quando as pessoas têm clareza do que desejam e como conseqüência se unem para enfrentar situações que isoladamente não teriam condições. Processo esse que se torna um exercício coletivo de participação, que "é o poder de definir e redefinir os fins e os meios. É ter o que dizer sobre objetivos e os meios para alcançá-los".³²



ASSEMBLÉIA MENSAL PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO DO ASSENTAMENTO PAUS BRANCOS.

³² I. C. Sales. Trabalhadores associados na produção/comercialização/distribuição e na política, p. 34.

Construir propostas para intervir junto às políticas públicas deve ser encarado como uma prioridade por ONGs como o Patac, que se propõem a melhorar as condições de vida e de trabalho dos camponeses, com a utilização de tecnologias socialmente apropriadas.

"Eu concordo, principalmente porque se a gente quer que na medida em que se faça um trabalho micro, relacioná-lo com um trabalho macro, e permitir que as coisas se expandam de fato - não permitir que as coisas fiquem só naquela ilhazinha - acho que tem que ter essa intervenção. E também pelo fato daquela coisa anterior, de que precisa de fato os mínimos recursos para começar a implantar determinada tecnologia. E se a gente objetiva melhorar a renda, não basta apenas produzir e ter o que comer, mas além disso é preciso ter renda que permita uma vida digna. Se de fato desejamos isso, precisamos ter essa intervenção. O preconceito e a precaução, ou os dois juntos, com relação aos recursos governamentais têm suas razões, não é por acaso que existem. Mas, por outro lado, eu acho também que isso acontece pelo fato das ONGs não terem propostas acabadas que permitam utilizar esses recursos e obter bons resultados. Eu acho que também é por aí". (Marilene)

"É coisa boa sim, agora o desgaste que a entidade tem, frustrações que a população tem

diante dessas massadas e mal atendimento e má vontade das instituições governamentais, isso acaba com qualquer proposta de trabalho. Mas aí vem a tese de que os pequenos produtores rurais têm direito e que devem lutar por eles. Isso necessita de uma teimosia e quando no final chega alguma coisa na mão da comunidade, não dá para fazer nem o começo do trabalho planejado". (Ir. Urbano)

"Mesmo os agricultores interferindo nas políticas públicas para conseguir meios de sobrevivência, vão precisar de uma certa ajuda por fora porque a gente sabe como é lenta a burocracia dos órgãos públicos. Conhecemos fatos concretos em Paus Brancos, quando os agricultores perderam o primeiro plantio porque atrasou o envio das sementes do governo... Então isso entrava tudo. Isso não impede que as pessoas lutem para conseguir apoio das políticas públicas, porque é um direito deles, mas se não tiverem um reforço de uma outra entidade a coisa não avança, porque eles fazem tudo para emperrar. A gente sabe como os agricultores lutaram junto ao governo do Estado por poços artesianos e por vacas para produzir leite para as crianças. Lutaram muito por tudo isso e não conseguiram nada". (Iracy)

"Apesar dos avanços, os esforços para aliviar as condições da pobreza rural têm tido êxitos variados. Uma razão chave é que tais esforços são empreendidos em um ambiente no qual seus beneficiários têm pouco acesso a

recursos econômicos e políticos e onde prevalecem entraves institucionais contra o campesinato. O desenvolvimento de base é difícil de se implementar quando a distribuição de terras é desigual ou quando os incentivos institucionais (crédito, assistência técnica, etc) e as forças de mercado favorecem o setor agrícola empresarial (de Janvry et al, 1988).³³

"É evidente que melhorar o acesso dos camponeses à terra, à água e a outros recursos naturais, como também ao crédito equitativo, aos mercados, às tecnologias apropriadas, etc, é crucial para se garantir um desenvolvimento sustentável.

Assegurar-se o controle e o acesso aos recursos só pode ser possível por meio de reformas políticas ou ações bem organizadas de base comunitária. Dadas essas limitações estruturais, a agroecologia só pode esperar proporcionar a base ecológica para manejar os recursos quando estes estiverem à disposição dos camponeses pobres. Em outras palavras, como enfoque de desenvolvimento agrícola, a agroecologia não pode enfrentar os fatores estruturais e econômicos que condicionam a pobreza rural, isso requer uma abordagem muito mais ampla que coloque grande ênfase na organização social do campesinato. A esse respeito, os problemas tecnológicos devem assumir seu papel em estratégias de desenvolvimento que incorporem as dimensões sociais e econômicas"³⁴

Pelo exposto, observamos que, dentre os limites para a aplicação de uma proposta técnica agroecológica, estão também a falta de controle e de acesso dos camponeses aos fatores

estruturais e econômicos, além de que para superarem estes entraves são necessários reformas políticas ou ações organizadas de base comunitária.

Por concordarmos com essa posição, acreditamos que instituições como o Patac devem contribuir com o seu trabalho para incorporar as "tecnologias socialmente apropriadas" como parte importante do desenvolvimento social e econômico. Pois, trabalhar pela adaptação de tecnologias com os camponeses deve significar também participar na construção de um modelo de desenvolvimento que contemple essas demandas.

*

O Patac fez, na primeira etapa do trabalho desta comunidade, um mapeamento dos ocupantes da terra, visando obter o perfil dos agricultores assentados. Porém não conseguiu fazer uma ponte das informações contidas no levantamento com os interesses e necessidades imediatas dos agricultores.

³³ M. ALTIERI, & Andrés YURJEVIC. A agroecologia e o desenvolvimento rural sustentável na América Latina, p. 33.

³⁴ M. ALTIERI, & Andrés YURJEVIC. A agroecologia e o desenvolvimento rural sustentável na América Latina, P. 34



UMA DAS DINÂMICAS UTILIZADAS PARA ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DO DIAGNÓSTICO.

"Talvez tenha faltado a gente conjugar o que a proposta metodológica ia apontando, com os interesses identificados. Eu acho que somente no final do trabalho a gente começou a tentar estabelecer metas, do ponto de vista das tecnologias da produção, daquilo que a gente de fato pretendia investir. No início, a gente não conseguia perceber isso muito bem. Eu acho também que a gente estimulou a comunidade a sonhar muito e talvez a gente tenha se frustrado porque sonhamos demais, porque não conseguimos delimitar nossos sonhos. Se a gente tivesse conseguido, após fazer o diagnóstico e o plano de ação, vislumbrar que aquele plano era algo para ser alcançado a longo prazo, que haviam etapas anteriores que precisavam ser alcançadas talvez tivéssemos nos orientado um pouco mais".

"Talvez o problema tenha sido que nós não conseguimos fazer isso de forma rápida. Talvez até pela nossa própria inexperiência em pesquisa. Acho que o que faltou foi tornar o método mais eficaz. Por exemplo, será que seria indispensável fazer tantas reuniões? Uma amostragem qualificada não resolveria o problema? Eu acho que a dinâmica foi rica, o problema é que ela foi rica em demasia. Aí eu acho que deveria ter alguma coisa que tornasse preciso, que colocasse um método. Aí da mesma forma que a gente teria que ser eficiente no trabalho do diagnóstico deveria ser no trabalho de intervenção no processo produtivo. (Marilene)

"A solução dos problemas não está, como pretende uma atuação decorrente do diagnóstico das carências, em correção de defeitos, diminuição de carências, elevação do nível cultural, mudança de mentalidade, aceitação de

tecnologias, etc. Numa perspectiva de construção coletiva da sociedade, a superação dos problemas está em se ter o que dizer sobre o aproveitamento das potencialidades, diminuição do desgaste, aumento da reposição, resgate da participação, visando sempre encontrar um modo de organizar a sociedade que não tenha como efeito necessário a existência dos atuais problemas(...)³⁵

"(...) Eu acho que eu sou uma defensora do diagnóstico participativo. Na minha opinião, esses princípios de diagnóstico participativo e plano de ação são possíveis. Sinceramente, eu acho que é possível aperfeiçoar o método de modo que você consiga ter uma intervenção utilizando esses princípios. Por exemplo, essa onda que a Rede PTA tem de DRPA (Diagnóstico Rápido Participativo de Agroecossistemas) é uma coisa que algumas entidades estão apostando... Agora, o que se precisa são adequações do que a gente fez. Hoje a gente age como se desconsiderasse toda uma história anterior, uma vivência anterior. O trabalho de assessoria ao movimento sindical³⁶ e o trabalho do Projeto Água Fonte de Vida³⁷ não estão conseguindo recuperar os elementos que foram interessantes na experiência vivida com a comunidade de Paus Brancos".(Marilene)

³⁵ I. C. SALES. Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores, p. 34.

³⁶ Assessoria ao Polo Sindical Rural do Agreste da Borborema, que neste período desenvolvia um processo de diagnóstico junto a vários sindicatos, com o objetivo de elaborar um plano de formação sindical.

³⁷ Projeto do Patac que tem por objetivo construir depósitos d'água em 21 municípios do Agreste da Borborema - PB, beneficiando cerca de 1.400 famílias, em parceria com 26 organizações da sociedade civil (Paróquias, Sindicatos e ONG's).

COMUNICAÇÃO X DIFUSÃO DE TECNOLOGIA

Apesar do Patac ter como objetivo a realização de um diagnóstico participativo com a comunidade, continuou "difundindo tecnologia".

Enquanto chegarmos numa determinada comunidade com "tecnologias apropriadas", não conseguiremos estabelecer o encontro de vivências diferenciadas (a do camponês e a do técnico). Pode até ser que a tecnologia levada seja adotada, mas é no diálogo com os camponeses que se estabelece um processo educativo onde se trocam saberes e ignorâncias.

Na experiência de difusão faltou comunicação - no sentido mais profundo da palavra - para decodificarmos os interesses dos camponeses. Por que não paramos para perguntar por que os agricultores não se interessavam pelas nossas propostas técnicas e pela metodologia de trabalho adotada? Talvez porque se assim fizéssemos, poderíamos revelar nossa fragilidade: não tínhamos outras propostas para apresentar.

Ao incentivar a adoção de tecnologias que o Patac julgava apropriadas (plantio em curva de nível, confecção de muretas de pedra nos córregos para conter a erosão, diversificação das culturas e manejo ecológico da mata), a instituição desconsiderou parcialmente as condições objetivas dos agricultores, como: mão-de-obra

disponível, projetos pessoais, necessidades imediatas, cultura alimentar etc.

"Eu acho que isso em parte, não concordo totalmente com essa afirmação porque eu acho que nós tínhamos a preocupação de tentar conciliar os princípios que o Patac defendia com a realidade que se apresentava.

Na minha opinião, a gente poderia ter tido uma estratégia de difusão mais forte, a gente ficava muito tímido. Como nós tínhamos a preocupação de não desrespeitar o que eles queriam, partindo do diagnóstico participativo, aquela coisa toda, posteriormente quando tínhamos que efetivar uma ação ficávamos com muita timidez, com muito cuidado e, de repente, a gente não conseguia conciliar o interesse individual com o interesse da comunidade, e conseguir uma divulgação que pudesse atingir um maior número possível de agricultores. A gente não conseguiu isso... Acho que teve muita coisa que a gente confundiu, primeiro pela inexperiência com a nova metodologia, segundo porque a gente vacilava um pouco, a gente não chegava e colocava propostas."(Marilene)

Se havia a participação dos agricultores nas decisões, por que a equipe ficava tímida na hora de implantá-las? A não ser que os agricultores não participassem, de fato, e isso deixasse a equipe insegura

A inexperiência com a nova metodologia e com o real sentido de "participação" certamente proporcionou isso, impedindo que a equipe desse uma contribuição específica e eficaz.

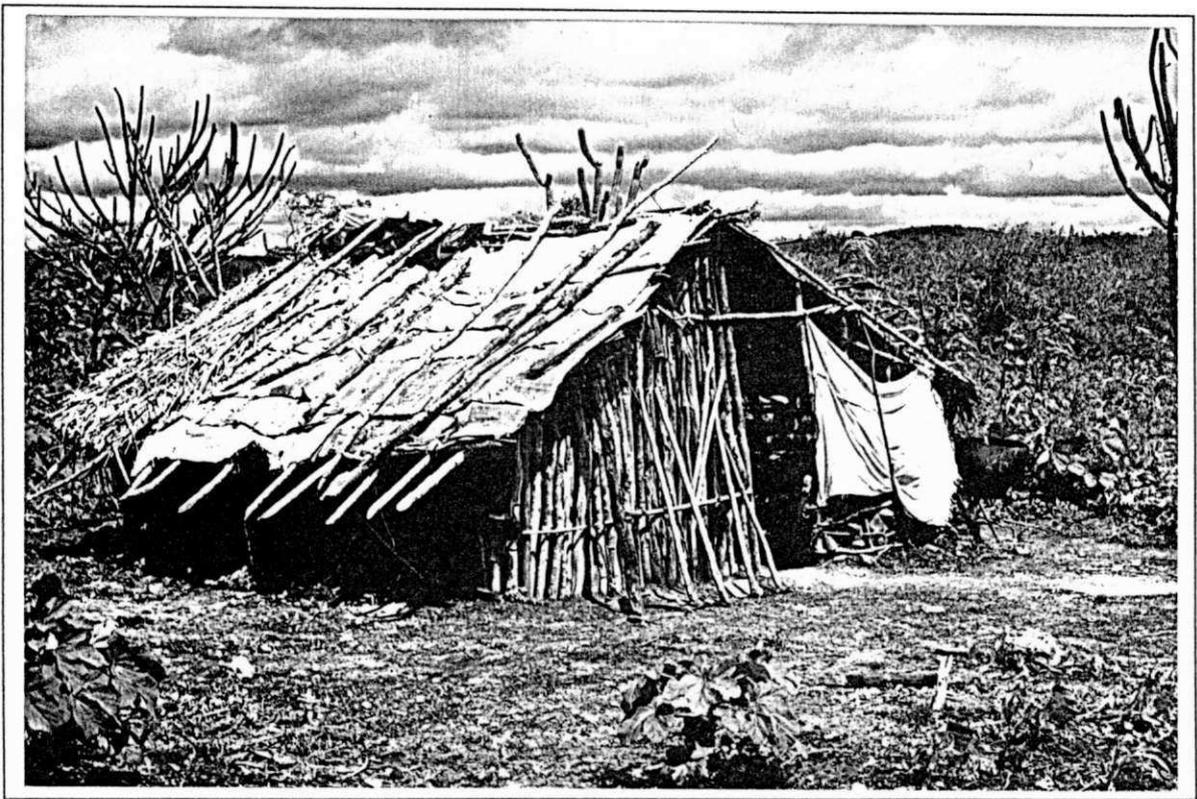
Se temos um processo de decisão participativo, não cabe aos técnicos implantar as decisões, mas contribuir para concretizá-las dentro do seu saber. Integrar os agricultores no processo do diagnóstico ou obter a cooperação deles para a implantação das propostas de trabalho não significa dizer que há participação.

"Quando os objetivos, metas, e recursos estão definidos fora do processo, não se pode mais falar em participação. A importância social do pequeno produtor já está negada. Foi-lhe retirado um espaço de se fazer valer e de ajudar a definir algo importante que lhe diz respeito.

Identifica-se falsamente, nos trabalhos com o povo, participação com envolvimento para aceitar o que os outros definiram. Neste caso, em vez de participação, o que há é convencimento para realização de tarefas. Pede-se aceitação de meios para consecução de fins 'inquestionáveis'.

Haveria participação se os objetivos, metas, prazos, recursos, fossem definidos e redefinidos num processo renovado de consulta e confronto".³⁸

³⁸ I. C. SALES. Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores, p. 37.



A CONSTRUÇÃO DAS CASAS FOI UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DOS AGRICULTORES RECÉM ASSENTADOS.

Como Marilene lembra, o Patac tinha a preocupação de tentar conciliar os princípios que defendia com a realidade que se apresentava, partindo do diagnóstico. Mas essa preocupação não conseguiu ser efetivada, como observamos na apresentação da experiência, particularmente no caso de "Zebrinha", que estava passando por uma enorme dificuldade para construir sua casa e no caso dos participantes do grupo de agricultura, que no período do inverno colocaram forte resistência para continuarem o trabalho de pesquisa do diagnóstico.

"Onde tem uma vontade, onde tem uma compreensão do benefício que a técnica traz, eles encontram os meios para realizar. Agora, é claro que com eles é a mesma coisa que com todos os agricultores, eles dizem que acreditam numa proposta mas, na realidade, às vezes nem acreditam. Eles têm medo de

investir naquilo que eles não sabem o resultado, isso pode ter entrado em jogo... Eles também não fazem uma coisa que não entendem. Talvez a gente não tenha conseguido motivá-los ou talvez eles não podiam arriscar, ou talvez eles não queiram mostrar aos outros agricultores que estavam fazendo algo diferente do que se fez durante séculos". (Ir. Urbano)

"Bem, eu não sei se é da maneira que eu estou lembrada, mas fenação não é aquele tipo de fazer os feixes para guardar a palha do milho ou mesmo o capim sorgo antes de secar? Ainda não foi feito, foi explicado, Marilene explicou e tudo, mas a gente nem fez a fenação, mas foi tudo explicado aqui". (Zefinha)

"A gente aqui se atrapalhou, eu acho, que foi em todo canto, porque nunca mais teve comunicação com os outros criadores de abelhas de fora, né? Porque as abelhas da gente aqui foram embora tudo, por causa da seca que foi muito longa. Maltratou até gente quanto mais as abelhas! Elas foram em busca de outros lugares melhor, mas já estamos situando outras abelhas aqui novamente.

Muita gente não fez o plantio em curva de nível por falta de interesse; tem outros que não fez porque 'empalha' mais um pouco, é uma planta mais vagarosa. E outros que não fez porque as condições não dá. Não tem com que fazer porque a curva de nível é o seguinte: se a gente puder fazer no risco do cultivador é melhor do que na enxada, porque na enxada é muito complicado, né?" (Abel)

"Não é complicado fazer os defensivos naturais, é sempre aquela palavra, é falta de interesse: "a justiça para ser boa começa dentro de casa, né? Porque às vezes eu começo a me preocupar com uma coisa, com outra, com esse posto [de saúde]. Os dias que eu venho para esse posto já perco pra trabalhar no serviço do roçado. Eu vou para um canto, eu vou para outro e o tempo vai passando..."(Zefinha)

"Esse ano mesmo a praga atingiu muita gente, muito mesmo... Aqui dentro de Paus Brancos ninguém aplicou os defensivos

naturais ensinados pelo Patac". (Abel)

"Eu me lembro que uma vez foi feito por José Constâncio um defensivo natural. Mas esse ano eu não tenho lembrança que ele fez não. Eu sei que ele fez no tempo que eu fiz. Esse ano eu nem me comuniquei com ele ainda". (Zefinha)

"Quando nós fizemos uma avaliação, a gente notou que o grande esforço de tantas pessoas durante tanto tempo, com tanta frequência, é que não resultou em resultados que nós esperávamos. Isso desmotivou bastante, Eu acho que o que nós queríamos fazer lá quase não foi assimilado pela população, uma coisa ou outra com grupinhos bem pequenos sim, aquela 'rodinha dos fiéis', mas [para] a grande maioria, que naquela época eram quase 100 famílias, é que a gente não conseguiu lançar nossa posposta, isso desgastou".

"Temos que nos questionar. Afinal, em tempos normais e com propostas mais adequadas para a situação deles, mais aceitas por eles e feitas por eles, todos poderiam ter uma sobrevivência melhor". (Ir. Urbano)

"Depois das pesquisas que foram feitas, foi quando o Patac se afastou da comunidade. Foi decidido que o Patac ia trabalhar em outras comunidades e que a gente tinha que aprender

a caminhar sozinho, só que a maioria não sabe caminhar sozinho, não acredita, não confia... Eu estou notando que depois que o Patac se desligou um pouco, o trabalho ficou mais vagaroso, mais à vontade, entendeu?... Sabe o que eu acho?! É que a gente ainda não aprendeu a lutar, a gente ainda é analfabeto, a gente ainda não passou na prova. *Nessa prova que a gente só caminha se tiver o Patac ou o governo ou os políticos. Nós não confiamos em nós mesmos".* (Arlete)

ou "POR ENQUANTO..."

Neste momento não tenho a intenção de concluir nada, pois avalio que a riqueza deste trabalho está em considerar diversos pontos de vista, inclusive o meu, na perspectiva de tirar lições com as interpretações dos diversos intelectuais populares e acadêmicos. Gostaria também de registrar aquilo que está se processando dentro de mim, fruto das reflexões aprofundadas neste trabalho. Reflexões que vêm mudando minha percepção do mundo e que, no confronto com a realidade se tornarão o alicerce para futuras conquistas.

Na perspectiva de continuidade, compreendo que ao colocar estes escritos no papel e à disposição do público, eles não serão mais meus: minhas posições constituirão **uma** das interpretações apresentadas, onde cada leitor, ao somar as próprias experiências com as diversas reflexões, seguramente construirá novos conhecimentos.

Ao encerrar este trabalho sinto que consegui alcançar o que pretendia, ou seja: completar uma importante fase da minha vida ao refletir criticamente sobre experiências que vivi no Patac e durante o curso de mestrado. Ao fazer isto percebo que consegui reforçar minha auto-estima por expressar no meu estilo, minhas interpretações dessas experiências. Acredito também ter alcançado um pouco do que Nietzsche chama de "conhecimento perspectivo", ao incorporar "novos olhos"³⁹ às questões abordadas nesta dissertação.

Às vezes tenho a sensação de que demorei muito para sentir, acreditar e me apossar daquilo que tem maior beleza e valor em qualquer pessoa: *sua singularidade*. Mas ao contactar com essa descoberta, o tempo perdido deixa de ter

³⁹ Cf. p. 21 (Nietzsche ap. Roberto Machado).

importância frente ao prazer de SER MAIS. Compreendo que essa singularidade precisa ser resgatada e valorizada a cada momento: a partir daí brota um desejo permanente de vivenciar intensamente tudo que se é.

Processo de Aprendizagem

O que vivenciei no Patac e na Universidade, nos cursos de graduação em Agronomia e pós-graduação em Sociologia Rural, representa bem o que aprendi sobre o processo de troca de saberes.

Durante a graduação e nos primeiros anos que trabalhei no Patac, entrei em contato com os conhecimentos dos técnicos e me tornei mais um deles. Nos dias que passei na casa de José de Júlio (ASSESSORIA A FAMÍLIAS) e durante o período que convivi com os agricultores da Fazenda Paus Brancos, envolvi-me intensamente com o cotidiano dos camponeses, descobri pessoas interessantíssimas, com muita beleza e profundo conhecimento nas mais diversas dimensões da vida. Fui conquistado e acabei me apaixonando pelo camponês e pelo seu mundo. A partir daí comecei a sentir os limites do trabalho do Patac, mas naquele momento não conseguia fazer o caminho de volta, melhor dizendo, refletir criticamente sobre o que havia vivenciado com os camponeses, estabelecendo um confronto/reflexão com o saber técnico que tinha recebido na academia e no Patac.

"PASSAGEM DO SABER AO COMPREENDER E AO SENTIR E, VICE-VERSA, DO SENTIR AO COMPREENDER E AO SABER. O elemento popular 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe; o elemento intelectual 'sabe', mas nem sempre compreende e, muito menos, 'sente'. (...) O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber)..."⁴⁰

Ao elaborar minha monografia, sinto que iniciei esse caminho de volta fazendo uma conexão entre *os conhecimentos técnicos/educativos adquiridos* e *os sentimentos, conhecimentos e paixões vivenciadas na relação com os*

⁴⁰ A. GRAMSCI. *Concepção Dialética da História*, p. 138 - 139.

camponeses. Estou ciente de que somente a partir daí comecei a estabelecer de forma consciente, uma relação orgânica com os camponeses, uma relação de troca de saberes que geram novos conhecimentos "não de uma maneira mecânica, mas vivencialmente"⁴¹ : sinto-me com os olhos abertos, ou ainda, com outros pares de "olhos":

"Só há visão perspectiva, só há 'conhecimento' perspectivo; e quanto mais deixamos os sentimentos entrarem em consideração a respeito de uma coisa, quanto mais sabemos incorporar novos olhos, olhos diferentes para essa coisa, mais nosso 'conceito' desta coisa, nossa objetividade será completa".⁴²

O **processo de aprendizagem** que vivenciei durante a elaboração deste trabalho talvez contenha boas dicas para outras pessoas que desejam avaliar criticamente outras temáticas.

Primeiro descrevi livremente as experiências (ASSESSORIA A FAMÍLIAS E DIFUSÃO DE TECNOLOGIAS APROPRIADAS EM ASSENTAMENTOS RURAIS) expondo minhas impressões, sem muito me preocupar em analisá-las, deixando o inconsciente se expressar. Depois, conversei com protagonistas das experiências: apresentei minhas impressões e estimulei cada um a colocar seu ponto de vista. Isto concluído, passei a me posicionar sobre suas colocações. Finalmente, recorri a intelectuais acadêmicos para enriquecer o conteúdo teórico.

Estou consciente que não fiz grandes descobertas, mas me sinto satisfeito por ter recuperado meu jeito de confirmar e/ou adquirir conhecimentos. Acredito que ninguém amadurece com as experiências dos outros, mas se enriquece ao confrontar suas experiências com as de outras pessoas.

Apesar do grande esforço que dispendi para realizar esse trabalho, não me sinto saturado com o que fiz, pois, entendo que ao fazer algo que tenha sentido

⁴¹ Ibidem, p. 139.

⁴² R. MACHADO. Nietzsche e a Verdade, p. 108.

para mim me aperfeiçoar: construo algo que poderei retomar no futuro, para outros aprofundamentos. Pretendo buscar maneiras de continuar me aprofundando e praticando a teoria e a metodologia da **Participação**, da **Organicidade** e da **Agroecologia**.

Avalio também que o que mais me cansou e me levou a perder tempo foram as constantes recaídas, ao me desviar das minhas descobertas e tentar me enquadrar no jeito e no pensar dos outros. Acho que o mais interessante desse processo foi ter descoberto como é importante confiar nas impressões, sensações e descobertas pessoais. Ao resgatar minha maneira de ser, senti-me mais vivo, mais presente no mundo, percebendo que as pequenas descobertas podem se tornar uma verdadeira revolução, pelas mudanças na minha percepção do mundo.

O importante é perceber como é bom se apossar de novos conhecimentos e saber que eles não são definitivos e que serão apurados. Mas para isso é preciso viver o momento presente e não ficar se apoiando no pensar dos outros. Para ser singular é preciso viver intensamente o presente, estando aberto para as novidades que as nossas intuições nos apresentam.

O que também me motivou a prosseguir neste trabalho foram os desafios com os quais me deparei e posteriormente o prazer que fui sentindo com esse processo de descobertas. Foi também decisivo o apoio que recebi do meu orientador, que me encorajou a investir naquilo que eu desejava, sempre me incentivando a escrever e reescrever até chegar a algo de que eu gostasse muito. Assim fazendo acredito ter me apossado dos ensinamentos contidos naquelas experiências passadas, que precisavam ser refletidas na perspectiva de superação: consegui me libertar das sensações de fracasso que me paralizavam, impedindo-me de crescer.

Difusão de "Tecnologias Apropriadas" ou de uma concepção de mundo

Compreendo que ao apresentar uma proposta tecnológica não estamos convocando os camponeses apenas para mudar sua maneira de produzir. Estamos propondo a eles uma nova concepção de mundo. Neste momento gostaria de tecer alguns comentários, a luz do que vivenciei, tomando como referência algumas das condições apontadas por Gramsci⁴³ para que um grupo social aceite uma nova proposta de mudança, ou seja: ORGANICIDADE e COMPETÊNCIA.

• **Organicidade**

Acredito que as pessoas se unem para afirmar ou reforçar interesses. Ilustra bem essa afirmação a experiência dos agricultores assentados na Fazenda Paus Brancos, que se uniram para conquistar o seu assentamento, mas não se "motivaram" para realizar o diagnóstico participativo do Patac.

"É bom deixar de pensar que a organização é fruto de mobilização, conscientização, técnicas de trabalho com grupo, etc. As pessoas se reúnem para tentar afirmar determinados interesses. A questão fundamental da organização está no modo participativo de descobrir e realizar o que interessa. Mas nem os técnicos, nem os pequenos produtores sabem de modo imediato o que lhes está interessando como grupo. Só a consulta /confronto sobre o que fazer e sobre o modo de conseguir o que se está perseguindo é que vai gerar e definir a organização dos pequenos produtores".⁴⁴

Será que a experiência que tive no mestrado e as experiências vivenciadas no Patac não apontam para a mesma questão: de que para ocorrer de fato o processo de troca de saberes é **preciso valorizar as pessoas e seus sonhos, incentivando-as a confiar em si mesmas e diagnosticando interesses e**

⁴³ Vide p. 44 - 45, capítulo ASSESSORIA A FAMÍLIAS (Cf. N. RODRIGUES, "Lições do Príncipe e Outras Lições, p. 48 e 50).

⁴⁴ I. C. SALES. Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores, p.42 - 43.

necessidades, à medida que vamos identificando problemas e buscando as soluções?

Gostaria também de refletir sobre uma *tendência*, no universo das ONGs que participam do Movimento por uma Agricultura Sustentável, de realizar "diagnósticos participativos" com camponeses, colocando um peso muito grande na realização destes e nos planos de ação, supondo que somente *após o conhecimento global da realidade* poderemos tomar decisões mais acertadas. Dificilmente o agricultor se motiva com dados da realidade que ele já conhece, mesmo que divulguemos promessas de que esses conhecimentos, resgatados e sistematizados, serão importantes para a resolução dos seus problemas. Acredito que o conhecimento da realidade não é suficiente para despertar interesses. Para acertar no que já mobiliza ou no que está para nascer, não é preciso somente conhecer, apesar de que o conhecimento pode ajudar a identificar o que interessa.

"O diagnóstico de carências falseia igualmente o processo de produção de conhecimentos. (...) Para que a produção de conhecimentos seja um serviço ao pequeno produtor rural, há de se começar perguntando aos próprios pequenos produtores que problemas eles desejam ver esclarecidos e solucionados".⁴⁵

A experiência do Patac com os camponeses de Barra de Santa Rosa (ASSESSORIA A FAMÍLIAS) nos ensina que *não contribuímos com a melhoria das condições de vida e de trabalho dos camponeses quando "temos certas coisas na cabeça e queremos atuar"*. Já a experiência junto aos trabalhadores assentados da Fazenda Paus Brancos nos deixou a lição de que os erros da experiência anterior se reforçaram ao tentarmos motivar as pessoas para aceitarem nossas propostas técnicas supostamente boas.

Acredito que técnicos/educadores comprometidos com o resgate da importância social dos camponeses devem se esforçar para estabelecer uma relação

⁴⁵ I. C. SALES. Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores, p. 35.

recíproca de troca de saberes, a fim de que possam contribuir com a afirmação dos interesses dos camponeses e deste modo sejam criadas as condições para uma transformação recíproca.

• Competência

O Patac possui uma equipe técnica composta por dezesseis funcionários: dois técnicos agrícolas, uma agente de saúde, uma veterinária, um agrônomo, dois técnicos polivalentes, um documentalista, um desenhista, uma comunicóloga, um contador, uma auxiliar de escritório, três agricultores e um assessor técnico.

Trabalho no Patac há cerca de oito anos e neste período me envolvi com atividades as mais diversas. Às vezes tenho a sensação de que fazemos muito pouco, principalmente no que se refere à nossa especificidade. Por não priorizarmos um maior aprofundamento em algumas temáticas da nossa área de formação nos tornamos profissionais limitados. A falta de competência no nosso saber específico provoca uma perda da identidade profissional e nos desgasta perante aqueles aos quais devemos prestar um serviço.

Envolvi-me com experimentações (na sede do Patac e nas propriedades dos camponeses), em atividades de difusão e de produção (visando o auto-financiamento da entidade) e em tarefas administrativas. Por conta disso acabei não dispondo de tempo para me capacitar mais profundamente e assim poder prestar um serviço de qualidade aos camponeses.

Para suprir essa carência acabei participando de inúmeros "cursos relâmpagos" (promovidos por instituições afins), que nivelaram determinados conhecimentos, mas não conseguiram dar uma contribuição significativa para minha profissionalização. Talvez possamos afirmar que ao nos contrapormos à especialização técnica acabamos caindo no outro extremo.

Muitas vezes também tenho a impressão de que atuamos em dois pólos: ou pregamos propostas agroecológicas que exigem um grande sacrifício para serem adotadas pelos camponeses ou atuamos em atividades pontuais, que ao proporcionarem resultados parciais nos dão a sensação de que estamos traindo os princípios agroecológicos que acreditamos. O pior acontece quando nos desiludimos frente aos fatores sócio-econômicos limitantes e chegamos à conclusão de que, sem superarmos as barreiras estruturais (falta de terra, de crédito etc) ficam inviabilizadas nossas propostas agroecológicas. Esta avaliação nos leva, em diversos momentos, a promover e a participar de inúmeras reuniões para articulação de entidades e reflexão conjunta, no intuito de construir propostas para superar os limites de nossa ação e os entraves estruturais que se contrapõem a viabilização da produção familiar.

Como sairmos deste impasse?

O que deve orientar a capacitação dos técnicos de ONG's similares ao Patac?

Qual a maneira mais eficiente de promover essa capacitação?

Para sermos coerentes com o que acreditamos precisamos considerar também os interesses e necessidades dos técnicos/educadores. Como estabelecer um diálogo atento às necessidades e interesses dos camponeses se os próprios técnicos desconsideram suas necessidades pessoais e profissionais? Na minha avaliação é preciso que instituições como o Patac elejam como uma de suas prioridades a reciclagem periódica dos seus técnicos, conjugando a especificidade da instituição com a vocação dos técnicos, as demandas dos camponeses e o entorno sócio-econômico e político.

Considero que o acompanhamento que recebi para elaborar essa monografia foi uma boa experiência de capacitação em Teoria e Metodologia da Participação. Talvez essa seja uma referência, um ponto de partida para futuros intercâmbios, neste âmbito, entre o Patac e a Universidade.

Enfim...

Observamos nas experiências apresentadas nesta dissertação que, apesar do Patac sempre ter demonstrado compromisso com os camponeses, isto não é suficiente para que estes aceitem uma nova "concepção de mundo", repassada através das tecnologias socialmente apropriadas. Além da necessidade de estabelecermos uma relação orgânica entre técnicos e camponeses, onde de fato ocorra o processo de "consulta/confronto", é necessário que os técnicos contribuam na sua área de formação específica, visando proporcionar resultados práticos, educativos e políticos. Se o técnico deixa de oferecer sua contribuição específica, abre-se uma lacuna nesta importante dimensão da questão agrária.

- **Competente na profissão específica, competente como assessor/educador e em questões de conjuntura.**

Nesta tensão, na busca de competência e de identidade, os técnicos e os agricultores se renovam e trocam seus conhecimentos e ignorâncias, de tal modo que se enriquecem, apurando suas visões de mundo. Essa competência não se refere a um saber técnico "pretensioso e estanque", mas a um "saber vivenciado", aberto para compreender a lógica e os interesses dos camponeses. Para sermos competentes precisamos estabelecer essa relação orgânica com os camponeses, garantir o aperfeiçoamento nas áreas de formação específica e aprofundar a reflexão sobre o contexto sócio-econômico e político no qual estamos inseridos.

LIVROS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. Campinas, HUCITEC, 1992, 275 p..

AGUIRRE, Francisco Y otros. **La Asistència Técnica**: propuesta metodológica para el trabajo con productores campesinos. Santiago, Agrária, 1987, 105 p. .

ALTIERI, Miguel A.. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Tradução de Patrícia Vaz. Rio de Janeiro, Projeto Tecnologias Alternativas - FASE, 1989, 237 p..

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 7ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1988, 211 p..

BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário - **Paraíba**. Rio de Janeiro, 1983.

BUNCH, Rolando. **Dos Mazorcas de Maiz**: Una guía para el mejoramiento agrícola orientado hacia la gente. Oklahjoma, Vecinos Mundiales, 1985, 268 p..

CHAYANOV, Alexander V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: **A Questão Agrária**. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 133-164.

COSTA, André Alexandre da et alii. **Lições da nossa prática**: um manual participativo de capacitação. 2ª Edição. Natal, Assocene, 1988, 95 p.

COUTINHO, Carlos Nelson & NOGUEIRA, Marco Aurélio. (Org.). **Gramsci e a América Latina**. São Paulo, Paz e Terra, 1988, 159 p.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L & PM, 1981, V.2, 232 p.

DUQUE, Guimarães. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 2ª Edição. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1973, 238 p. .

_____. **Solo e água no polígono das secas**. 4ª Edição. Fortaleza, Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, 1973, 223 p..

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 2ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, 93 p.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História.** 3ª Edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 341 p. .
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A Pequena Produção e as Transformações da Agricultura Brasileira.** In: A Modernização Dolorosa. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p. 126-141.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 164 p. .
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade.** 2ª Edição. Rio de Janeiro, Rocco, 1985, 132 p. .
- RODRIGUES, Neidson. **Lições do Príncipe e outras lições.** Coleção polêmicas do nosso tempo, Editora Cortez.
- SALES, Ivandro da Costa & SANTOS, Maria de Lourdes. **Retome sua Vida: uma realidade, uma profecia.** Recife, Ed. Bagaço, 1993, 83 p. .
- SOARES, Paulo Gil. (Coord.). **Nordestinos: Conviver com a seca e dela tirar proveito, para acabar com o abandono, a miséria e a fome.** Rio de Janeiro, Editora Rio Gráfica Ltda, 1984, 144 p.
- ZUTTER, Pierre de. ¿ **Como Comunicarse con los campesinos ?** 2ª Edición.. Lima Editorial Horizonte, 1986, 192 p.

REVISTAS E PUBLICAÇÕES AVULSAS

REVISTAS

- ALTIERI, Miguel A. & YURJEVIC, Andrés. **A agroecologia e do desenvolvimento rural sustentável na América Latina.** AGROPECUÁRIA E DESENVOLVIMENTO. Rio de Janeiro, 1:21-35, ago, 1993.
- ARAÚJO, Inesita & ARAÚJO, Eduardo Jordão. **PATAC - À Procura de Caminhos Alternativos para o Nordeste.** PROPOSTA. Rio de Janeiro, 27:30-31, nov., 1985.
- CHAMBERS, Robert & GHILDYAL, B.P.. **A pesquisa agrícola para pequenos produtores.** O modelo do agricultor em primeiro lugar. AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. Rio de Janeiro, 1:49-67, ago., 1993.

- COSTA, Beatriz. **Trabalhadores associados na produção: um modo de pensar a sua luta.** CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR. Petrópolis, 15:9-27, 1989.
- DUQUÉ, Ghislaine. **Estrutura Fundiária e Pequena Produção: um estudo de caso no Cariri Paraibano.** Raízes. Campina Grande, V.3, n.3-4:168-196, Jan. 1984/dez. 1985.
- GRABOIS, José et alli. **O Curimataú na Borborema Paraibana.** Espaço e Conjuntura. São Paulo, 2:1-23,1981.
- GRZYBOWSKI, Cândido. **O Saber dos Camponeses em Face do Saber dos Técnicos.** PROPOSTA. Rio de Janeiro, 27:60-63, nov., 1985.
- HECHT, Suzana B. **A evolução do pensamento agroecológico.** AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. Rio de Janeiro, 1:4-20, ago., 1993.
- SALES, Ivandro da Costa et alli. **Metodologia de Aprendizagem da Participação e de Organização de Pequenos Produtores.** CADERNO CEDES. São Paulo, 12:32-44, 1987.
- SALES, Ivandro da Costa. **Trabalhadores associados na produção/comercialização/distribuição e na política.** CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR. Petrópolis, 15:28-43, 1989.
- WEID, Jean Marc. **Alguns Comentários sobre a Problemática da Pequena Produção Agrícola do Brasil.** PROPOSTA. Rio de Janeiro, 27:3-13, nov., 1985.

AVULSAS

- ARAÚJO, Eduardo Jordão. **O Dilema Camponês: Estudo de caso sobre a Difusão de Tecnologias Apropriadas a Pequenos Produtores Rurais do Semi-Árido.** Campina Grande: UFPB, 1988. 106 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, 1988.
- CARVALHO, Horácio Martins. **Geração de Tecnologia Socialmente Apropriada.** Rio de Janeiro, AS - PTA, 1990, 24 p. mimeo.
- _____ **A Tecnologia Agrícola e o Pequeno Produtor Rural.** Curitiba, 1986, 42 p. mimeo.
- FREITAS, Aderaldo et alli. **Forum de ONGs Brasileiras Preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento/92: Grupo Temático Semi-Árido.** Setembro, 1991. mimeo.

FREITAS, Geovani Jacó de. **O Ser e o Ter: Camponeses, Práticas Tecnológicas e Políticas.** Campina Grande, UFPB, 1993. 188 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, 1993.

LEITE, Sérgio Pereira. **A Face Econômica de Reforma Agrária: Estado e assentamentos rurais em São Paulo na década de 80.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Projeto de Pesquisa, Rio de Janeiro, 1989, 43 p. mimeo.

MELLO, Antonio Carlos Pires de. **O Assentamento Rural "Fazenda Paus Brancos":** Notas Preliminares. Trabalho realizado para a disciplina "Estudo dos Problemas Brasileiros". Universidade Federal da Paraíba, Campus II, Campina Grande, 1992, 34p. mimeo.

_____. **O Assentamento da Fazenda Paus Brancos: Uma Experiência de Reforma Agrária no Cariri da Paraíba.** Trabalho realizado para a disciplina "História da Agricultura Brasileira". Universidade Federal da Paraíba, Campus II, Campina Grande, 1992, 33p. mimeo.

MORAIS, Maria Dione Carvalho. **Organizações Não-Governamentais e Campesinato: Novas Alianças Políticas no Campo Tecnológico.** Campina Grande: UFPB, 1992. 265 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, 1992.

MOREIRA, Valéria de Moraes Vicente. **Sardade Se Escreve com R de Craudionor.** Rio de Janeiro. DOSSIÊ DE UM ESCOLAR: F.G.V, 1987. 76 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, 1987.

WEID, Jean Marc. **Agroecologia e Cooperação Internacional.** PARCERIA, São Paulo, set. 1994, 4 p. .

Anexo I: Proposta de Metodologia para o Trabalho em Paus Brancos.

Anexo II: Jornal "Notícias da Gente" nº 6 (capa). Patac, Campina Grande - PB, 1989.

Anexo III: Jornal "Notícias da Gente" nº 8 (pág. nº 2). Patac, Campina Grande - PB, 1989.

Anexo IV: Cordel "A Comunidade de Paus Brancos", de Geraldo Porfírio.

Anexo V: Cartilha "O Retrato de Paus Brancos" Patac, Campina Grande - PB, 1990, 68 p.

PROPOSTA DE METODOLOGIA PARA O TRABALHO EM PAUS BRANCOS

ETAPA	QUESTÃO CENTRAL	METODOLOGIA	TEMAS
MAPEAMENTO DOS PONTOS DA TERRA	<p>COMO ESTÃO DISTRIBUÍDAS AS FAMÍLIAS ?</p> <p>ONDE ESTÃO LOCALIZADOS OS NÚCLEOS DE MORADORES ?</p>	<p>CONVERSAS INFORMAIS</p> <p>MAPEAMENTO FÍSICO</p> <p>SOCIOGRAMA</p>	<p>_____</p>
MOTIVAÇÃO	<p>CONQUISTAMOS A TERRA E AGORA ?</p> <p>O QUE VAMOS FAZER ?</p>	<p>REUNIÕES COM PEQUENOS GRUPOS</p> <p>técnica _1</p> <p>painel de fotos e recortes</p> <p>slides sobre vida em comunidade</p> <p>ASSEMBLÉIA DE TODOS OS GRUPOS</p> <p>técnica _2</p>	<p>A LUTA PELA TERRA</p> <p>A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA VIDA</p> <p>FATORES DA VIDA EM COMUNIDADE</p>
O RETRATO DA COMUNIDADE	<p>COMO A GENTE É ?</p> <p>COMO É NOSSA COMUNIDADE ?</p> <p>COMO É ESSA TERRA QUE CONQUISTAMOS ?</p>	<p>JOGOS</p> <p>ENTREVISTAS</p> <p>TRABALHO DE CAMPO</p> <p>FICHAS</p> <p>FOTOS</p> <p>FITAS GRAVADAS</p> <p>ANOTAÇÕES DE CAMPO</p>	<p>FAMÍLIA</p> <p>POPULAÇÃO</p> <p>TRABALHO</p> <p>SAÚDE</p> <p>MORADIA</p> <p>EDUCAÇÃO</p> <p>COMUNICAÇÃO</p> <p>RELIGIÃO</p> <p>ORGANIZAÇÃO</p> <p>AGRICULTURA</p> <p>RENDA</p> <p>ECONOMIA</p>
A COMUNIDADE DESEJADA	<p>COMO AGENTE GOSTARIA QUE FOSSE A NOSSA COMUNIDADE ?</p>	<p>JOGOS</p> <p>DEBATES</p> <p>DRAMATIZAÇÃO</p> <p>FICHAS</p> <p>FOTOS</p> <p>FITAS GRAVADAS</p>	<p>ALIMENTAÇÃO</p> <p>PRODUÇÃO E CONSUMO</p> <p>TECNOLOGIA</p> <p>OUTROS</p>
PLANO DE AÇÃO	<p>O QUE VAMOS FAZER PARA TORNAR NOSSA COMUNIDADE DO JEITO QUE AGENTE QUER ?</p>	<p>A DEFINIR, DEPENDENDO DO ESTÁGIO QUE OS GRUPOS TENHAM ALCANÇADO</p>	

notícias da Gente

Nº 6 • Publicação do PATAC • Campina Grande • PB 1989

PLANEJANDO A VIDA DA GENTE

Quando a gente vai fazer uma viagem precisa primeiro saber de onde vai sair.
Depois, tem que saber onde quer chegar.
Depois, então, escolhe o caminho melhor, e o transporte que vai usar.
Isto é o planejamento da viagem.

Na vida da gente também é bom ter um planejamento.

A vida da gente em Paus Brancos está ainda começando.
Tem muito chão pra se andar.
É uma longa viagem.

Seria tão bom se a gente planejasse esta viagem...

O primeiro passo é saber **ONDE ESTAMOS**.

Quer dizer: conhecer **MUITO BEM** tudo sobre nossa comunidade.

Saber como somos, o que pensamos, como trabalhamos,
como plantamos, como cuidamos da terra,
como está nossa saúde e como cuidamos dela,
como nos alimentamos, como nos organizamos, e tantas outras coisas.

Na verdade, é como fazer um **RETRATO DA COMUNIDADE**.

O segundo passo é decidir **ONDE QUEREMOS CHEGAR**.

Quer dizer: como é a comunidade que sonhamos para nós e para nossos filhos?

O que deve ter essa comunidade?

Como deve ser o sistema de vida?

O terceiro passo é pensar o caminho que deve ser feito
entre o que **SOMOS HOJE** e o que **QUEREMOS SER AMANHÃ**.

Escolher o caminho e o transporte.

Isto é: Fazer um **PLANO DE AÇÃO DA COMUNIDADE**.

É muito importante que este planejamento seja feito
com a participação de todos os moradores de Paus Brancos.
Somando os esforços, as idéias, os conhecimentos,
é que a gente alcança qualquer coisa na vida.

ANEXO III:

No dia 20 de agosto de 1989, na cocheira da Fazenda Paus Brancos, foi apresentado o resultado da pesquisa feita pelos Grupos de Organização, Agricultura, Saúde, Criação e Educação. "Todos os grupos apresentaram o que fizeram dentro da pesquisa. Mostraram o retrato da comunidade da maneira que acharam melhor: com teatro ou versado."

Grupo De Agricultura

Você viu a apresentação deles?

Pois foi com um teatro, onde cada um falou de um assunto ligado à pesquisa da agricultura.

D. Balbina estava com uma caixa na cabeça, João Ricardo segurava uma enxada e Manoel Xavier apresentou várias plantas cultivadas na fazenda. Vamos ouvir um pedacinho do que cada um falou.

DONA BALBINA – A gente carrega as coisas na cabeça, e quando chega em casa não pode nem trabalhar, toda cansada.

MANOEL XAVIER – Na terra de Paus Brancos não dá só milho, feijão e lava. Temos que plantar de tudo, se não plantar de tudo tá perdendo a terra.

JOSÉ CONSTÂNCIO – A gente deve trabalhar e não vender, que é prá não passar privação.

O grupo apresentou que o maior problema encontrado foi a falta de cultivadores para facilitar o trabalho na agricultura. Dona Raimunda conta como está resolvendo isso: "Meu genro comprou um cultivador, trocou por 12 sacos de carvão. Eu me juntei com ele e vou comprar as enxadas."

Grupo De Saúde

Zelinha é do grupo de saúde.

Aqui ela conta como foi a apresentação deles:

"Foi muito bom, não só o grupo de saúde, como todos os grupos que se reuniram para repassar o retrato da comunidade.

Como aquele grupo que apresentou a poesia.

O nosso grupo apresentou Tavares morrendo.

Foi tirada a fotografia de todos os grupos, só não foi tirada do nosso, porque ninguém esperava e de repente ele caiu, aí gritaram: MORREU!

Todos se aglomeraram e pegaram para levar num burro, que é o transporte que se tem.

A apresentação foi a nossa convivência aqui:

de repente dá uma dor ou um desmaio, e morre sem ter socorro.

Não tem posto de saúde e nem transporte.

No encontro saiu a proposta de ir à Secretaria de Saúde exigir o Posto de Saúde".

O grupo também apresentou vários cartazes com saquinho contendo as plantas medicinais que são encontradas na fazenda. São mais de 80 plantas.

Grupo De Educação

JUDITE E JUDICLEIDE CONTAM COMO FOI QUE O GRUPO DE EDUCAÇÃO FEZ A PESQUISA

– A gente começou com uns caderninhos com umas figuras. Aí a gente saía de casa em casa, procurando saber quantas pessoas tem na casa, se estudavam, se não estudavam... Depois a gente começou a usar uns cartazes que a gente fez, e assim terminamos o levantamento.

– Foi assim que nós preparamos os cadernos e os cartazes: A gente leve várias reuniões. Nas reuniões Carlos trouxe algumas figuras, nós trouxemos outras. A gente escolhia a que melhor parecesse com o que a gente queria perguntar. Nós também botamos as perguntas, prá quem soubesse ler.

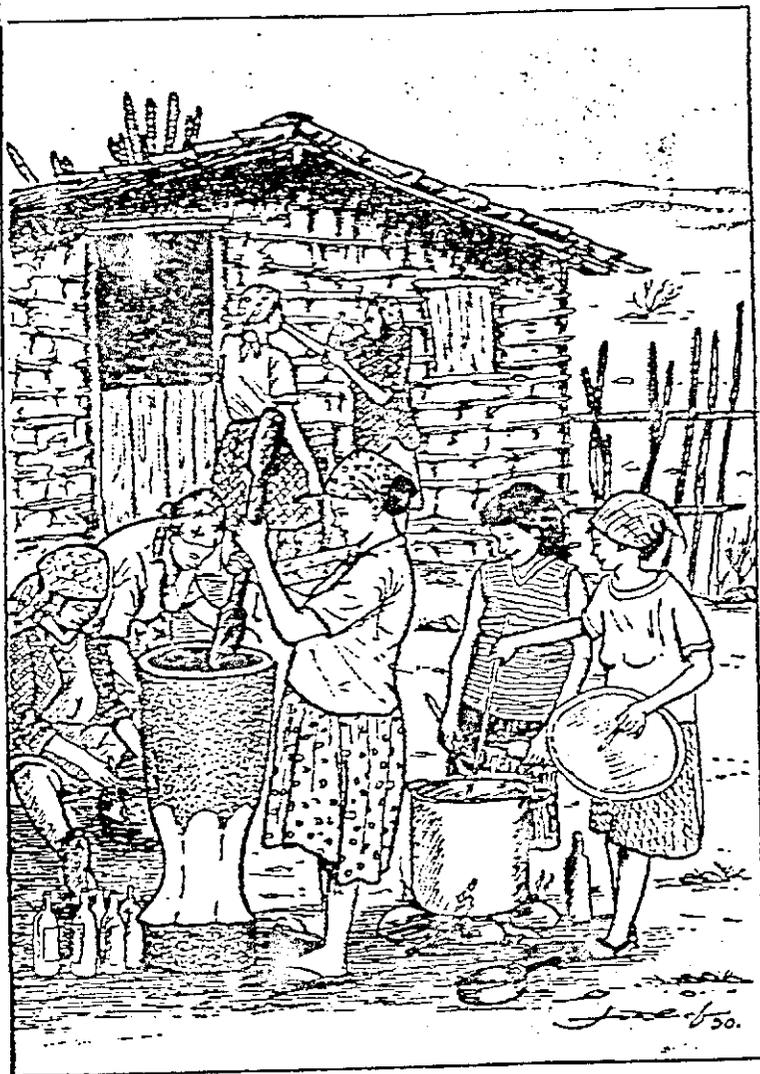


Autor: Geraldo Porfírio

A Comunidade de Paus Brancos

Simplicidade e Delicadeza ao Povo
da Fazenda Paus Brancos





RETRATO DA SAÚDE E ALIMENTAÇÃO

Veja nas páginas 34, 35, 36, 37 e 38

